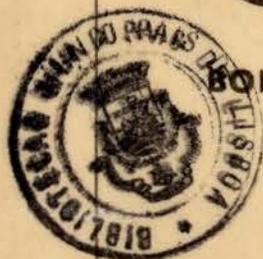


OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO VI

N.º 23

JULHO - 1943

A VOZ DE LONDRES

fala

E O MUNDO ACREDITA

OUÇAM AS EMISSÕES DIÁRIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA
DA

B B C

(BRITISH BROADCASTING CORPORATION)

às 8,45—14,15—23,15 horas

Ao microfone ...



... os distintos locutores

FERNANDO PESSA

F. R. CARVALHO

AUGUSTO DA SILVA

AVISO IMPORTANTE

Desde 13 de Junho, o noticiário em Português das 08,45 (hora de Lisboa) transmite-se nos seguintes comprimentos de onda: 41,96 metros (7,15 mc/s), 41,49 metros (7,23 mc/s), e 31,75 metros (9,455 mc/s).

Os noticiários das 14,15 e 23,15 são nos comprimentos de ondas habituais.

Oiçam as seguintes emissões de especial interesse:

Factos da Actualidade	às 3. ^{as} -feiras	às 23,30
Comentário Militar	às 4. ^{as} -feiras	às 23,30
O Homem da Bengala	às 6. ^{as} -feiras	às 14,30
Comentário Naval	às 6. ^{as} -feiras	às 23,30
Revista Feminina	aos Sabados	às 14,30
Comentários da Semana por Wickham Steed	aos Sabados	às 23,30
	e	
	aos Domingos	às 14,30

Oferta
27. JUL. 1980

1191195

JULHO DE 1943

N.º 23

O L I S I P O

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»
SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA» - R. DO SALITRE, 153 - TELEF. 5 3173 - LISBOA

SUMARIO



- MUNICIPALISMO E CULTURA
por *Luiz Teixeira*
- «LISBOA... 1870!»
por *D. Julieta Ferrão*
- O CRUZEIRO DAS LARANJEIRAS
por *J. M. Cordeiro de Sousa*
- O TEMPLO DE S. ROQUE E A SANTA CASA
por *Pedro da Cunha Santos*
- VELHAS CASAS DE LISBOA
(Conclusão) pelo *Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal*
- BIBLIOTECA

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores
ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS

Municipalismo e cultura

Exposição feita na sessão da Câmara Municipal de Lisboa de 14 de Abril próximo passado pelo vereador sr. Luiz Teixeira, ilustre jornalista e escritor e presidente «Amigo de Lisboa».

O Relatório da gerência municipal de 1942 deve ser saúdo como um notável e esclarecedor documento que reflecte, expressivamente, a obra que Vossa Excelência vem desenvolvendo com tão assinalado acêrto e profundo espírito de dedicação, em perfeita e completa utilidade para a capital. Quis Vossa Excelência aludir amavelmente à colaboração dos vereadores em termos que obrigam a sincero agradecimento, ao qual junto, com muito gôsto, as minhas homenagens.

Embora correndo o risco de ser considerado em excessiva teimosia na persistência de opiniões que freqüentemente tenho trazido à apreciação da Câmara, não posso deixar de, mais uma vez, acentuar que considero as questões da cultura tão dignas da nossa melhor atenção como os vastíssimos problemas de ordem administrativa que, desde as obras ao urbanismo, das finanças à salubridade e aos abastecimentos, etc., ocupam na roda do ano os melhores cuidados e preocupações da Presidência, da Vereação e dos Serviços.

Vivemos uma época dominada por alto anseio de ressurgimento. O país, que se ergueu sob o impulso ressuscitador dum homem e duma política providenciais, está lançado numa caminhada histórica que lhe garante a reconquista do seu mais nobre sentido de Nação. Já é possível, nesta altura da jornada, avistar a empolgante extensão de belas realizações em todos os campos da vida nacional. Ainda há bem poucos dias foi suficientemente demonstrado, com inteligência e rigor, a propósito das Contas Públicas de 1941, o extraordinário impulso dado pelo Estado Novo à difusão da cultura, tarefa a que com propriedade se chamou «obra de protecção aos valores do espírito como outra não regista a nossa história».

¿Pode, legitimamente, a Câmara Municipal de Lisboa não se dispensar de requerer a citação dos seus serviços como elemento de valiosa contribuição, no seu sector, para essa obra cultural que é já hoje um dos motivos de louvor da política portuguesa do nosso tempo?

Nós somos nas cadeiras do Município os continuadores daqueles *homens bons* do concelho antigo, dos alvazis medievais, de quantos nos acasos do tempo e da fortuna, em épocas sucessivas e desencontradas foram melhorando, aperfeiçoando, actualizando em intenção reformadora os serviços da administração municipal, de acôrdo com os ensinamentos da experiência e sobretudo com as imposições do progressivo e veloz desenvolvimento desta terra. Através das idades, a Câmara — e isto já alguma vez aqui foi acentuado — exerceu sempre «funções de carácter cultural de harmonia com as exigências dos tempos». Não se evocam apenas as escolas de ensino artístico e industrial que fundou e manteve, mas sobretudo o interesse que sempre dispensou às letras e às artes. Abordando êste assunto, limito-me a repetir a citação dum facto muito nítido no seu valor de simbolismo admirável: — foi esta Câmara que em princípios do século XVII ordenou a primeira impressão da Quarta Década da Ásia e fêz reimprimir a primeira, a segunda e a terceira Décadas de João de Barros.

Integrados no movimento das idéias do tempo, acompanhando o ritmo da Revolução Nacional que concedia particular empenho de desenvolvimento às questões do espírito, surgiram neste Município, vertebrados com um corpo de doutrina séria e um programa de acção interessantíssimo os SERVIÇOS CULTURAIS. Podia dizer-se que a Câmara procurara nas suas próprias tradições a inspiração do empreendimento e que ao lançar-se nêle correspondia inteiramente à sua missão de gerência duma capital europeia que tinha de acelerar em todos os seus departamentos uma acção capaz de lhe garantir com êxito um pôsto onde as comparações não produzissem resultados vexatórios para a nossa mentalidade.

Não é inútil uma análise rápida das funções dêsses Serviços. Segundo a notabilíssima e oportuna proposta apresentada pelo antigo Vereador sr. Luís Pastor de Macedo, a quem, neste momento, presto, com muito gôsto, o justo preito das minhas homenagens, o pelouro dos Serviços Culturais propunha-se: regular as funções do Conselho de Arte e Arqueologia e dotá-lo com os meios indispensáveis para melhorar o rendimento da sua acção; estimular o gôsto pela Arte e pelas Letras; auxiliar os artistas necessitados; distribuir prémios literários; formar um fundo especial de olisipografia na Biblioteca do Palácio Galveias; fundar bibliotecas municipais nos bairros da cidade; transformar o Museu Municipal em Museu Olisiponense; criar outros museus de carácter olisiponense; fundar o Arquivo Histórico Municipal; promover a publicação dos preciosos documentos medievais que estão na posse da Câmara; preparar e promover congressos municipalistas; criar o Conselho de Estética Urbana; estabelecer Parques infantis; lançar as bases dum serviço turístico em Lisboa; fazer reviver as festas populares; e fazer desasombradamente a propaganda do princípios do Nacionalismo.

Em dez anos de acção inteligentemente orientada pode dizer-se que a Câmara Municipal de Lisboa cumpriu êste excelente programa de realizações. Está em bom funcionamento a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia; distribui-se com regularidade o Prémio «Júlio Castilho»; criou-se a secção olisipo-

nense na Biblioteca das Galveias; temos já bibliotecas municipais nos bairros mais populosos; existe, embora em instalação provisória, o Museu Olisiponense; continua a tratar-se, como se diz no relatório, da instalação do Arquivo Histórico Municipal e a publicação indispensável dos documentos medievais será lógica e imediata consequência da sua inauguração; criaram-se em algumas zonas da cidade esplêndidos parques infantis; realizaram-se grandes festas da Cidade, etc. Temos, por tudo isto, motivos sérios para dizer que a Câmara Municipal de Lisboa pode e deve ser citada como elemento de importância pela sua valiosa contribuição para a obra cultural que constitui um dos títulos de orgulho da política portuguesa dos nossos dias.

No dia 11 do próximo mês de Maio passa o 10.º aniversário da criação dos nossos Serviços Culturais. Parece-me oportuno — e a sugestão fica muito bem entregue à decisão de V. Ex.ª — que êsse facto seja dignamente comemorado, pelo menos com uma exposição demonstrativa não só da admirável intensidade de acção do Município no campo editorial, mostrando o conjunto das publicações lançadas pela Câmara, mas também da vasta actividade cultural empreendida durante êsses dez anos pelos nossos Serviços. Evidenciando o muito que se tem feito, julgo êste ensejo apropriado, no entanto, para acentuar que precisamos de ir mais longe. Há alguns meses apresentei aqui um ponto de vista pessoal sôbre êstes assuntos, ao declarar que não pode encontrar-se no aumento das despesas com o cimento armado qualquer justificação para reduzir as verbas destinadas às preocupações do espírito. No fundo, o que eu queria salientar tem ainda aplicação neste momento: — é preciso fazer pelo espírito da gente da cidade, na satisfação das suas normais exigências de cultura e no cumprimento dos que nos compete realizar em favor do robustecimento da mentalidade geral, tanto como intensamente se faz na melhoria da estética cidadina e na grandiosa transformação da fisionomia de Lisboa.

De quanto se diz no Relatório acêrca das Bibliotecas destaco com prazer a afirmação de ter sido aumentada a verba orçamental destinada à compra de livros, o que me dá pretexto a justo louvor e sincero aplauso. O restante, nesse capítulo, é puramente regulamentar e revela um ritmo de trabalho onde falta talvez o agradável e indispensável sobressalto de iniciativas, empreendimentos, realizações que tardam lamentavelmente. Refiro-me, por exemplo, à necessidade de alargar a rede das bibliotecas aos outros bairros da cidade onde ainda não existem e à vantagem, já aqui indicada, de se estudar a forma mais conveniente para a orientação da leitura. Estou convencido, Senhor Presidente, que é possível, na verdade, ir mais longe. Entendo que os Serviços Culturais, dirigidos superiormente por um alto funcionário que é também ilustre homem de letras e que no desempenho das suas funções tem revelado sempre a melhor compreensão e competência, devem tomar posição e interessar-se por alguns factos de relêvo da vida da cidade, não se limitando às normalidades monótonas dos factos de calendário e regulamento, como a sessão solene comemorativa, em Outubro, a atribuição do prémio Castilho, às catalogações, às arrumações, às remodelações, coisas óptimas, certamente, mas previstas, repetidas, definitivamente inscritas nos cuidados e no zêlo duma buro-

cracia modelar. Por exemplo: no próximo mês de Junho passa o centenário da primeira representação do «Frei Luiz de Sousa». ¿Uma lápida? ¿Uma conferência? ¿Uma exposição? De qualquer maneira, os serviços culturais não devem, em meu entender, deixar de cooperar muito expressivamente na comemoração desse acontecimento, que esperamos grandiosa e orientada em sentido verdadeiramente nacional. Arrasta-se há anos, sem encontrar a solução desejada, a idéia da criação da cadeira de Estudos Oisiponenses na Faculdade de Letras de Lisboa e também isto me parece digno de prender a atenção dos Serviços até se conseguir a plena realização desta velha iniciativa. ¿Não merecerá a pena organizar anualmente na capital dois salões, um de arte, outro de fotografia, nos quais Lisboa e o seu pitoresco, a sua beleza de cidade diferente e mais sedutora, a sua luz de estúdio, a sua côr, a sua graça de casario e de horizontes, as suas figuras, os seus costumes e os seus quadros de encantamento sejam temas obrigatórios?

¿Não será possível seguir, entre nós, os exemplos estranhos de tão excelentes resultados que deram em Francfort a Casa de Goethe, em Bonn a Casa de Beethoven, em Nuremberg a Casa de Durer, em Toledo a Casa de Greco? — criando-se em Lisboa três ou quatro pequeninos museus de grande sabor evocativo e autêntica categoria de atracção turística: — por exemplo a documentação da época manuelina na Casa dos Bicos; aproveitamento do que resta da habitação da Ajuda para reconstituir o ambiente de trabalho de Herculano no seu «eremitério»; Garrett lembrado com seus manuscritos, sua obra e objectos que lhe pertenceram, numa feliz reconstituição de alguma das suas habitações na cidade; Santo António com seu pequeno museu de interesse universal, organizado no próprio sítio que se indica como local do seu nascimento — idéia que o ilustre jornalista Augusto Pinto trouxe a esta casa na sua interessante conferência do ano passado, etc.?

*

Muitas circunstâncias se reúnem para fortalecer a nossa convicção de que Lisboa está no limiar duma idade decisiva do seu engrandecimento. O próprio Relatório da Gerência Municipal de 1942 reflecte nas alusões ao plano de urbanização e a grandes trabalhos e obras de excepcional categoria, que o Município vem realizando, esse alvoroço no desejo de actualizar a capital em relação a todas as linhas da sua grandeza e a todas as prometedoras possibilidades do seu futuro. O Município — que sob a presidência de Vossa Excelência se fixou numa administração financeira modelar e se entregou, em profundidade, a um esforço tenaz e magnífico de correcção, primeiro, desta cidade errada em tantas das suas situações e perspectivas; de intensidade construtiva, depois, de maneira a conseguir fazer dela tanto como o centro duma metrópole de velhas e admiráveis tradições, a cidade rejuvenescida onde se espelham os saudáveis impulsos reformadores que o Estado vai levando a todo o território do País, — criou com a indicação clara dos seus propósitos e até com a simples evidência da sua obra responsabilidades especiais.

Depois da época medieval, entre o assalto de D. Afonso I e a proclamação do Mestre de Aviz, quando Lisboa vivia entre o Castelo e a muralha Fernandina; da época das conquistas no Norte de África e da organização dos mesteres, já quando se animava o Paço da Ribeira e estavam em pleno funcionamento os estaleiros da Ribeira das Naus; da dos descobrimentos e da colonização, quando a Rua Nova estava no esplendor da sua idade de ouro com o barulho febril das estranhas multidões; da dos Filipes, quando o Bandarra profetizava o regresso do Encoberto e as edições dos *Lusíadas* se sucediam em quantidade tão consoladora como significativa; da restauração, quando o Padre António Vieira cruzava nas nossas ruas com os soldados da maior e definitiva campanha; da de Pombal, com a reconstrução; e da época do Constitucionalismo que alastrou até ao nosso tempo, Lisboa está agora, efectivamente, na época da grande urbanização, num reencontrar festivo da sua grandeza antiga, abertura dum novo e glorioso capítulo da sua história.

Um mundo de problemas a envolve, no entanto, para lá da acção municipal de dois limites da nossa intervenção directa. A sua situação geográfica é agora observada à luz de novos condicionalismos e vantagens em referência a factores de ordem internacional que se prendem de forma muito importante com grande número de questões locais do maior relêvo. O comércio, os transportes, a educação, a indústria, a assistência, os desportos, o trabalho, etc. — desde a economia à investigação histórica, à cultura sob todos os aspectos, ao turismo, à saúde e higiene públicas; e do tipo arquitectónico das nossas construções urbanas, aos museus, aos monumentos, aos jardins; — tudo, enfim, que é alma e vida da cidade merece, nesta altura, ser objectivamente estudado, analisado, sob o conceito de que ao findar os seus primeiros oito séculos de existência cristã, Lisboa vai entrar numa época histórica não só nova mas com certeza melhor.

Um escritor contemporâneo afirmou com acerto que a função dos municípios deve ser a de polarizar as energias locais em tórno da bandeira do bem público, de maneira a serem sempre «uma célula social viva e em permanente actividade».

Por isso me atrevo a lembrar a Vossa Excelência que podiam muito bem caber nas preocupações dos nossos Serviços Culturais os primeiros estudos, os primeiros passos para se provocar a realização, dum empreendimento que considero destinado à melhor utilidade — O PRIMEIRO CONGRESSO DE LISBOA, CAPITAL DO IMPÉRIO.

A idéia fica, como simples sugestão, entregue ao critério de Vossa Excelência que em tôdas as oportunidades e circunstâncias tem revelado sempre admirável sentido de superior orientação e que neste relatório de 1942 nos dá, mais uma vez, exacto testemunho de qualidades pessoais de excepção na gerência dos destinos da municipalidade.

« LISBOA... 1870! »

Por D. Julieta Ferrão

Ouvem-se ainda os écos da famosa questão «BOM SENSO E BOM GOSTO», que sacudira a modorra literária portuguesa a ponto de se dilacerarem rancorosamente as seitas da intelectualidade coimbrã e lisboeta. Os de Lisboa declaravam não perceber o palavroso e obstruso mixtifório dos de Coimbra e estes desdenhavam do palavrório académico e delambido dos literatos de Lisboa... Em Coimbra imperavam Antero, Teófilo Braga e Vieira de Castro, aqui pontificava Castilho.

Avizinhava-se nova questão literária «AS CONFERÊNCIAS DO CASINO». Lisboa vacilava. O Passeio Público tinha contadas as horas de existência. Saldanha põe em prática a sua última façanha militar, que na história política do país fica apelidada de «SALDANHADA». Fontes consolida-se. Triunfa. Discute-se a União Ibérica. A Promotora organiza exposições. Esboça-se o movimento realista. Júlio César Machado valoriza a nova modalidade jornalística — o folhetim. E entre as personalidades em evidência, uma se destaca: ANTÓNIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELOS, homem de espírito e de sociedade, político, literato e jornalista.

Eis o primeiro «cliché».

Para a sociedade de hoje António Augusto Teixeira de Vasconcelos é um nome completamente desconhecido. E se não fôsse a meia dúzia de pacientes estudiosos que teimam, de geração em geração, em fixar e interpretar os vultos mais notáveis das épocas que os antecederam, muitos valores como Teixeira de Vasconcelos apagar-se-iam definitivamente. Tal não merece o portuense ilustre, de múltiplas actividades.

Entrou moço nas agitações políticas. Aos dezasete anos era já capitão de milícias. Em Coimbra cursou a Faculdade de Direito numa completa anarquia de estudos e leituras, no meio de controvérsias políticas e académicas tendo sido tudo estudante premiado.

Pertenceu à Junta do Pôrto. A sua casa foi o centro preferido pela mocidade mais ardente e distinta da capital do norte conhecida pela «Alta Patuleia».

Na imprensa de combate sustentou rijas polémicas.

Administrou em nome da Junta e da Rainha o distrito de Vila Real e redigiu o Convénio de Granido.

No fim da vida, em 1875, foi nomeado Director Geral da Secretaria da Câmara dos Deputados.

Desempenhou importantes comissões de serviço público. Tomou parte em alguns Congressos Estatísticos.

Conta-se que Teixeira de Vasconcelos, por génio e por educação, só sabia viver na opulência, tendo contudo atravessado crises violentas de falta de dinheiro.

Numa dessas crises, relata Cândido de Figueiredo, alguém disse a Teixeira de Vasconcelos:

— Lastimo-te; é uma das quedas de que tarde te levantarás.

— Enganas-te, replicou êle sorrindo; as minhas quedas são como as dos gatos, que, mesmo quando caem de alto, ficam sempre de pé.

Uma anedota demonstra o seu espírito e a sua filosofia boémia.

Perseguido um dia por um crêdor que, mais teimoso e atrevido conseguiu entrar-lhe em casa, indo até à própria sala de jantar, foi ali surpreendido, rodeado de amigos, fazendo face a um magnífico perú trufado. Teixeira de Vasconcelos não se desconcertou com tal aparição e de trinchante em punho, mudando rapidamente de expressão, diz com tristeza ao crêdor:

— Dinheiro?! Ah, se eu tivesse dinheiro!... Vê o meu amigo êste perú? Coitadinho! Não tinha de comer para lhe dar, por isso... me resignei a... comê-lo!

Como tanta vez sucede, à boémia de Teixeira de Vasconcelos não se juntava cepticismo algum. Era um sentimental. É ainda Cândido de Figueiredo quem nos informa que, lendo um dia Teixeira de Vasconcelos um conto, sensibilizou-se extremamente com uma passagem que descrevia a entrada dos prussianos em Paris. Ante a surpresa de lhe verem as lágrimas a quererem saltar-lhe dos olhos, Teixeira de Vasconcelos, explicou:

— Não se admire; dizem que a mulher foi formada de uma costela do homem, mas eu, creio que fui formado de uma costela de mulher!

Segundo Sampaio Bruno, o ideal de Teixeira de Vasconcelos seria ter nascido no Pôrto, viver em Lisboa e morrer em Paris. E o destino caprichou em lhe realizar o ideal, pois que a morte o surpreendeu em Paris, a caminho de Estocolmo onde nós ia representar num Congresso.

A actividade literária de Teixeira de Vasconcelos não se limitou à publicação de livros, entre os quais cito: «Roberto Valença», «Prato de Arroz Doce», «Viagens na Terra Alheia», «Ermida de Castromino» e «Lição de Mestre»; e aos jornais que fundou: «A Oposição», «Nacional», «A Ilustração», «O Arauto», «Gazeta de Portugal», em que se estreou Eça de Queiroz, e «Jornal da Noite». Escreveu ainda as peças: «A Botina Verde», «A Liberdade Eleitoral» e o «DENTE DA BARONEZA», que neste ligeiríssimo esboço bibliográfico é o que mais me interessa focar, visto que foi o trabalho que motivou o aparecimento em público de RAFAEL BORDALO PINHEIRO.

Historiemos... um pouco. Perdão. Salta-me outro «cliché»...

Janeiro de 1870.

O actor Francisco Teixeira da Silva Pereira, o Silva Pereira, pediu a Teixeira de Vasconcelos uma comédia para levar à cena na noite do seu benefício, quando ainda se usavam... benefícios, e não festas artísticas. Já nessa época se blasfemava contra a crise que o teatro atravessava — responsabilizando-se por ela... o público!

Accedendo ao pedido do seu amigo Silva Pereira, quis e pôde Teixeira de Vasconcelos aproveitar a oportunidade para demonstrar que a voga exclusiva das mágicas e operetas de Offenbach não se devia atribuir exclusivamente ao público, mas também aos próprios autores, actores e empresários! Escrevendo a comédia «O Dente da Baronesa» (para a qual, segundo êle próprio declara, uma anedota do «Petit Journal» lhe fornecera os dois primeiros actos), propunha-se Teixeira de Vasconcelos educar o público, interessá-lo em teatro de certa categoria, não só pelo cuidadoso desempenho, mas também pelo esmero com que a peça fôra escrita. Ensaíada com carinho, a primeira representação resultou um successo (como diríamos hoje), formidável! Deu esta peça trinta e uma representações seguidas. E, assim, lavrou Teixeira de Vasconcelos o seu protesto por «todos os teatros se consagrarem às mágicas e óperas de Offenbach e banir dêles a arte na sua mais elevada expressão; sepultas nos arquivos as tragédias e as comédias, recreio e ensino de todos, para entregar o palco em fundo perpétuo ao destempero e chocarrice, que lhe parecia desvairo nocivo às letras indigno de actores de primeira ordem, e prejudicial ao público».

Porém «O Dente da Baronesa» não serviu só para protesto de Teixeira de Vasconcelos a favor do teatro português, também foi um ensejo para revelar ao público uma nova arte e denunciar um artista de talento por vezes com lampejos geniais, o glorioso Rafael Bordalo Pinheiro, que se viu forçado por uma notícia que Teixeira de Vasconcelos deu nos jornais, a precipitar a sua estreia de caricaturista executando em poucas horas a litografia relativa à comédia, litografia, onde como figura central, se vê António Augusto Teixeira de Vasconcelos entre nuvens ostentando na mão direita um dente encimado por uma coroa de barão, na esquerda a boquilha com o charuto, de que certamente o escritor abusava, visto que o caricaturista, ao desenhá-lo, nunca esquecia êste pormenor. Sob as nuvens, Offenbach foge espavorido, enquanto Francisco Palha, o empresário do Teatro da Trindade, que muito popularizou as operetas do conhecido vianense, agarrado a uma das abas do casaco do compositor, olha enlevado para Teixeira de Vasconcelos. À esquerda, nota-se Júlio César Machado, o primeiro biógrafo da Rafael Bordalo, que larga a bengala para aplaudir, atrás dêste o Dr. Tomás de Carvalho, outro portuense notável, depois Luiz Augusto Palmeirim, o poeta romântico, elevando uma coroa de loiros, e António Rodrigues Sampaio acenando. Do mesmo lado, mas no primeiro plano, vêem-se Eduardo Coelho, fundador do «Diário de Notícias», o actor José Carlos dos Santos, o «Santos Pitorra», atrás dêste João Melício e Luiz de Campos. À direita

Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Mendes Leal, Vieira de Castro, Santos Nazareth, Francisco Serra, Ernesto Biester, sentado Luciano Cordeiro e adiante dêste Eduardo Augusto Vidal.

A litografia «O Dente da Baronesa» publicou-se em Fevereiro de 1870 e em Maio do mesmo ano escrevia Teixeira de Vasconcelos a Rafael Bordalo uma carta, prefácio para o «O CALCANHAR D'ACHILLES», carta justificada pelas relações de amizade e camaradagem artística, que certamente se intensificaram com a representação.



«O Dente da Baronesa» — 1870 (litografia)

«O Calcanhar d'Achilles»! Outro «cliché».

Como surgiu «O Calcanhar d'Achilles»? Historiemos... novamente!

No velho jornal de António Rodrigues Sampaio «Revolução de Setembro», reuniam-se, e ali se exercitavam no jornalismo, entre outros rapazes, Luciano Cordeiro, Fernandes Costa, Góis Pinto, Clemente dos Santos, Morais Sarmiento, José Maria Barata, César do Inso, Gomes Leal, Conde da Vidigueira, Gervásio Lobato e Rodrigo Afonso Pequito. Acamaradava com alguns dêstes rapazes o estudante da Politécnica D. Luiz Filipe d'Almeida Melo e Castro que deu brado na

boémia escolar lisbonense. Improvisava com facilidade e sem preocupação de correção, satisfazendo-se com os aplausos momentâneos dos colegas. Um dia, 30 de Agosto de 1869, appareceu na redacção da «Revolução de Setembro» D. Luiz de Almeida que levava quatro sonetos alusivos a quatro personagens literárias então em voga, com destino a serem publicados no jornal, que de facto os publicou no dia seguinte, sob o título genérico «TIPOS» e subscritos por três estrelinhas, visto que não consentiu que apparecesse o seu nome a firmá-los.

Assim, o primeiro:

Falar de deputado, olhar certo,
Lastimando o torrão em que vegeta,
Passando entre janotas por poeta,
E junto de senhoras por guerreiro;

Trazendo no sorriso o deus brejeiro,
Mandando em cada olhar aguda seta,
Deixando a multidão de amor pateta,
Pateta lhe parecendo o mundo inteiro.

Eis o tipo terror dos bons maridos
E flagelo de todo o ciumento,
Que deixa atrás de si sempre gemidos!

É certo que se os pais não tomam tento,
Os noivos vão por êle ser corridos
E passa a lugar vago o casamento.

Este soneto refere-se a Luiz de Campos, autor dramático um tanto em voga.
O segundo:

Gigante no saber, gigante em tudo,
Nas botas, na suíssa, e no chapéu,
Olhando sobranceiro e altivo o céu
É capaz de *ver Braga por um canudo*.

As belezas do amor não sendo mudo,
Não é raro encontrar nêle um Romeu;
Uma flor sôbre o peito que de escudo
Lhe serve, e sabe Deus se de trofeu!

Amigo! um tipo assim é sempre herói,
Que não deixa sequer nem um *palha*
Em descanso ficar com o pé de boi.

Sabe cousas, que aos sábios atrapalha,
E aprendeu em Paris o quer que foi,
— que faz de um folhetim uma navalha!

Estão V. Ex.^{as} a ver surgir a Ramalhal figura como era designado José Duarte Ramalho Ortigão que pouco tempo antes sustentara rija polémica folhetinística com Francisco Palha, escritor, fundador e empresário do Teatro da Trindade.

No soneto seguinte era focada a personalidade de Manuel Roussado que dois anos depois seria agraciado pelo Govêrno com o título de Barão. Boémio e gastrónomo impenitente foi nosso cônsul em várias cidades de Espanha, França e Inglaterra.

Gorducho fradilhão, barba cerrada,
Respirando bedum por tôda a parte,
Famoso defensor do disparate
Com fumo e pretensão à gargalhada.

Cifrando o seu saber em *meia-assada*,
Fazendo um folhetim sôbre o tomate,
Parece um taberneiro em vez de vate,
Ou sublime cantor da eirós grillhada.

Eis um tipo de graça e de cozinha,
Com ditos de sabor; arranja um *meio*
Se encontra em português alguma espinha.

Arremata a pilheria do passeio,
E vai anunciar uma obrazinha:
Retiro e folhetins com muito asseio!

E por último:

Flores; mais uma flor, oh, quem pudera
Alegre divagar pelas campinas,
Passear num jardim entre meninas,
Trazer o mês de Abril à minha espera!

E eu ser jardineiro! isso é que era!
Que erradas Santo Deus saem as sinas;
Só andar com as mãos sôbre as boninas,
Vivendo dos verdores da primavera!

Tipo de vate-flor! chorando apenas
 Suspiros que lhe vêm duma desgraça,
 Que o triste já cantou em tristes cenas.

Oh! miséria do mundo; e quando passa
 De nariz levantado às assucenas,
 É tomado talvez por cão de caça!

era o retrato de Eduardo Augusto Vidal o melifluo poeta, então na moda!

Logo no mesmo dia, em que «A Revolução de Setembro» publicava os sonetos, 31 de Agosto, estando Fernandes Costa, Luiz de Almeida e Assis Carvalho sentados num banco da rua central do Passeio Público, appareceu-lhes Henrique Prostès, primo de Rafael Bordalo Pinheiro, que levava um papel com quatro soberbas caricaturas — as dos quatro inspiradores dos sonetos — esboçadas por Rafael Bordalo imediatamente após a leitura dos versos. O grupo era magnífico; a semelhança não podia ser maior, eram autênticos retratos.

Constituiu uma verdadeira revelação não só o género artístico quasi novidade entre nós mas principalmente o autor que se mostrava um artista de talento gracioso e original sem precedentes. Dentro de poucos minutos, a fôlha de papel era passada de mão em mão num círculo de admiradores, daí a uma hora, todo o Passeio Público a conhecia; e nessa noite, no Suíço e no Martinho, falava-se entusiasticamente das caricaturas que todos queriam ver, e do seu espirituoso autor. Quando Rafael Bordalo appareceu às portas destes botequins ficou surpreendido com a recepção festiva que lhe fizeram, pois ignorava a extensão que tomara a inconfidência do seu parente. E entre applausos e abraços, incitaram-no os amigos a expandir em novos desenhos, essa faceta agora revelada do seu talento artístico.

Indeciso, desconfiado de si próprio, sem nitidamente se conhecer mas estimulado pelos applausos dos que formavam o seu meio. Rafael Bordalo nos dois meses seguintes durante a sua estadia na Praia de Pedrouços, — a mansão official da vilegiatura burocrática de Liboa, como lhe chamava Ramalho Ortigão —, desenhou aos serões, como simples passatempo, os desenhos que agrupados sob o título de «O Calcanhar d'Achilles», são considerados marco inicial da caricatura pessoal, como fórmula de Arte, em Portugal. De regresso a Lisboa, os amigos surpreenderam no gabinete do Artista, a colecção de desenhos que passando de uns para os outros, caiu sob os olhos de António Augusto Teixeira de Vasconcelos. Este instou logo para que Rafael Bordalo os publicasse.

«O Calcanhar d'Achilles», marca em Portugal, como já afirmei, o início da caricatura como fórmula de Arte.

Representa, pois, o primeiro documento notável no género. E embora a caricatura já fôsse além fronteiras considerada como uma das facetas das Belas-Artes, aceite, e digna de estudo, entre nós insinuava-se ser pura e simplesmente

a negação da Arte. Julgavam-na processo medíocre, insignificante, quasi menos-prezível e ainda hoje há quem teimosamente lhe negue toda a sua importância sob o ponto de vista artístico. Estão V. Ex.^{as} a ver qual teria sido o «clima» que encontrou o aparecimento do «Album», que devia ser publicado em dois fascículos e que integralmente foi desenhado e executado por Rafael Bordalo. As estampas que formam o «Album» foram por êle gravadas pelo processo da água-forte a meia tinta com a ajuda do estampador da Academia de Belas-Artes, António Cândido Rodrigues.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CALCANHAR D'ACHILLES

ALBUM DE CARICATURAS

GRAVADAS A AGUA FORTE PELO AUCTOR



LISBOA

IMPRENSA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES

65 — RUA DA ATALAIA — 67

M DCCC LXX

Frontispício de «O Calcanhar D'Achilles» — 1870

Difere dos vários álbuns, seus similares, pela curiosidade de ter a colaboração dos próprios caricaturados. Foi no mundo das letras que o Artista se inspirou. Relacionado com os literatos e autores dramáticos do seu tempo, Bordalo retratou-os humoristicamente mostrando previamente os desenhos aos caricatu-

rados e pedindo-lhes autorização para os revelar ao público, visto a caricatura não ser uma manifestação artística livre, corrente como qualquer outra.

«O Calcanhar d'Achilles», é o mais precioso documento iconográfico de todo um período da literatura nacional e revela a extraordinária e exuberante fantasia, o arranjo imaginoso da decoração, a parecença flagrante das feições,



Teixeira de Vasconcelos e Rafael Bordalo — 1870 (água-forte)

características estas que, mais tarde, foram confirmadas pelo artista, quando produziu obras mais firmes de desenho.

No primeiro fascículo figuram as caricaturas de: Teixeira de Vasconcelos, Eduardo Vidal, João de Deus, Manuel d'Arriaga, Alexandre Herculano, Augusto Seromenho, Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Francisco Palha, Eduardo Garrido,

Emprêsa Insulana de Navegação

CARREIRAS REGULARES ENTRE
Lisboa, Madeira e Açores

Escalas e datas das saídas dos vapores :

Em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Córvo e Faial (Lages e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Córvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele porto no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviço de passageiros.

AGENTES:

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Avenida 24 de Julho, 2. 2.º D.

LISBOA

Telefone 20214

Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.º

Em Ponta Delgada

BENSAUDE & C.ª

OCIDENTE

REVISTA MENSAL
PORTUGUESA

DIRECTOR:
ÁLVARO PINTO



Preços das assinaturas por ano com
direito aos números especiais

Portugal, 120500 // Brasil, 1205000
Colónias Portuguesas, 125500
Estrangeiro, £ 18-0

RUA DO SALITRE, 155
LISBOA ~ PORTUGAL

*Maria Assumpção
Borges*

Alta Costura

R. Pascoal de Melo, 133-1.º Esg.º

Telefone: 50733

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para mais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos à baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL

SAÍDAS MENSAIS REGULARES, COM ESCALA POR:

Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

LINHA DA GUINÉ

SAÍDAS MENSAIS REGULARES, COM ESCALA POR:

S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

LINHA DA AMÉRICA DO NORTE

VAPORES DE PASSAGEIROS

FROTA

LINHA DO BRASIL

VAPORES DE CARGA

«Sarpa Pinto»	8.267 ton.	«Lugela»	8.340 ton.
«Mouzinho»	8.374 »	«Huambo»	7.060 »
«Colonial»	8.309 »	«Luango»	7.056 »
«João Belo»	7.540 »	«Pungue»	6.290 »
«Guiné»	3.200 »	«Bailundo»	5.650 »
		«Malange»	5.050 »
		«Lobito»	4.200 »
		«Buzi»	2.160 »
		«Sena»	1.420 »
		«Micondó» (costeiro)	270 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA

Rua do Instituto Vergílio Machado, 14
(à rua da Alfândega)

Telefone 20052

PORTO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9

Telefone 2324

Ricardo Cordeiro, Ernesto Biester, Braz Martins, Manuel Roussado, Júlio César Machado, Ramalho Ortigão e Bulhão Pato.

No 2.º fascículo deviam aparecer entre outros: Luiz Augusto Palmeirim, Tomás Ribeiro, Rebêlo da Silva, Camilo Castelo Branco, Castilho e António José Viale.

Chama logo a atenção a vinheta que Bordalo inspiradamente desenhou para o frontespício desta obra. Já o título merecera a Teixeira de Vasconcelos, no Prefácio, a classificação de «uma inspiração da natural delicadeza do seu espírito. É obsequioso o epíteto; mas seria demeurada vaidade que alguém aceitasse o nome do célebre campeão da Grécia, e só não lhe quisesse o calcanhar». A vinheta representa Rafael Bordalo em pé sobre um tinteiro entrincheirado atrás da pasta dos desenhos e assestando a seta (um lápis de desenhador) ao calcanhar de um pé preenchido pelas cabeças dos literatos que figuram no «Album». Ao canto direito, do lado em que está a auto-caricatura de Rafael, figuram quatro artistas que acompanharam as primeiras tentativas artísticas de Bordalo. São eles, João Cristino da Silva, Marciano Henriques, João Anastácio Rosa e José Daniel Colaço, este último o que maior influência teve sobre a vida artística de Rafael Bordalo a quem incitou a desenvolver a veia humorística.

A primeira estampa é dedicada a António Augusto Teixeira de Vasconcelos. Nela se vê Rafael Bordalo que em vénia lhe apresenta a pasta de desenhos e desta saem, em minúsculos esboços, as páginas projectadas, não só as que formam o primeiro fascículo, como as que deviam constituir o segundo. Por toda a estampa em arabescos estilizados, esboços de caricaturas microscópicas já aparecidas em anteriores trabalhos.

A segunda gravura é consagrada a Eduardo Augusto Vidal o mimosíssimo poeta cujos versos rescendem aos aromas dos jardins, segundo a opinião de Teixeira de Vasconcelos. Bordalo desenhou o poeta saindo da corola de uma flor empunhando a lira — esvoaçam em volta graciosos amores que mais não são que poetas, entre os quais destaco João de Deus, Manuel de Arriaga, Bulhão Pato e Tomás Ribeiro.

Na gravura seguinte — Alexandre Herculano vestindo o característico traje de azeiteiro ambulante, levando as latas às costas e o funil com a competente panela dos pingos numa das mãos, enquanto com a outra faz um gesto irreverente à Academia, no portal da qual se mostram os Académicos espavoridos com a fuga do glorioso historiador. Este encaminha os seus passos para o estabelecimento de Jerónimo Martins que o espera à porta sobre um queijo Gruyère. Vai vender-lhe o produto das oliveiras de Vale de Lobos.

Esta gravura é talvez uma das mais espirituosas do fascículo, sabendo-se que ela representa o comentário à atitude de Herculano com a Academia, a propósito do célebre Dicionário.

Entre as figuras que estão à porta da Academia a que servem de degraus os dois volumes do Dicionário, distinguem-se, o Prof. Viale, Rebêlo da Silva, António Feliciano de Castilho, Mendes Leal, Latino Coelho, Dr. Tomás de Carvalho,

Luiz Augusto Palmeirim, Conde d'Ávila, Augusto Seromenho, Ramalho Ortigão e Silva Túlio.

A propósito desta espirosuísima gravura, comre uma afirmação que embora já há muito tenha sido esclarecida, teimosamente, de tempos a tempos, volta a circular.

Conta-se que ao iniciar os trabalhos de gravura, quando Rafael Bordalo procurou os caricaturados para obter a autorização a que já me referi, abordou Herculano que estava, como de costume, à hobreira da Bertrand para lhe pedir a almejada licença e mostrar-lhe o *inofensivo desenho* como o próprio Rafael designava as suas caricaturas. Pediu-lhe para se não ofender; não havia a menor intenção de ofensa. Herculano revestido de gravidade sacerdotal, meneou gravemente a cabeça. Depois de observado o desenho, o artista despede-se. Mas poucos passos andados, sentiu que lhe batiam no ombro. — Ó Sr. Bordalo, Sr. Pinheiro! — Voltou-se. Era Herculano que viera atrás d'êlo e o elucidou: — Não que se o Sr. me ofendesse... eu partia-lhe a cara!

Ora isto não é verdade. Herculano não amou, nem ameaçou; muito pelo contrário. E o que foi o encontro dos dois portugueses ilustres descreve-nos Gomes de Brito, o intermediário na apresentação do então incipiente artista ao já consagrado historiador. Herculano recebeu o jovem Rafael com agrado. Após breves palavras, Rafael tirou da pasta dos desenhos a audaciosa caricatura que fêz retingir de vermelhidão o rosto de Herculano quando lhe lançou os olhos, mas... o que êle riu. As vezes que disse: — Sim senhor! Sim senhor! — Prometeu logo a pedida autorização declarando parecer-lhe escusada. E tendo o Artista mandado para Vale de Lobos uma prova da água-forte que o representava, recebeu a carta que vou ler e que foi impressa no primeiro fascículo:

«Ainda que para mim seja mais que duvidosa a necessidade que V. supõe ter de autorização minha para publicar uma caricatura que de modo nenhum ofende o meu carácter moral, satisfaço os desejos de V. dando-lhe com o maior gôsto a permissão que pede.

Aproveito a conjuntura para agradecer a excelente cópia que me remete do seu excelente trabalho, ajuntando a isso sinceros parabéns pelas provas que dá de talento num género em que os nossos artistas não me parece terem sido até aqui excessivamente felizes».

A quarta estampa é consagrada a Manuel Pinheiro Chagas, trajando de Morgadinha de Vale-Flor, alusão ao então recente êxito do dramaturgo, recebe as homenagens do empresário Francisco Palha que, enlevado, olha para o escritor enquanto outros dramaturgos, perante o successo do colega, tentam meter a viola no sacco, como Ernesto Biester, Mendes Leal, Ricardo Cordeiro, ao passo que Eduardo Garrido, que tem aos hombros Offenbach e Brás Martins, resiste ao triunfo de Pinheiro Chagas! Dignos de atenção as figuras minúsculas dos literatos que sobem pelo vestido da Morgadinha a festejarem o autor. Lá vão entre outros Júlio César Machado, Camilo, Teixeira de Vasconcelos, Tomás de Carvalho, Castilho, Ramalho, Eduardo Coelho e Manuel Roussado.

Neste desenho que mantém o mesmo traço miúdo dos anteriores, há bastante intenção, crítica e filosófica. Encimando a figura dos literatos está a «GLÓRIA», velha decrépita de touca e óculos que distribui coroas de louros ao dramaturgo, enquanto da cornucopia deixa cair com abundância moedas para o empresário!

Segue-se a gravura em que Bordalo agrupou Júlio César Machado, Manuel Roussado e Ramalho Ortigão, três amigos e companheiros de patuscadas nos retiros.

E por último o poeta-caçador Bulhão Pato, de espingarda na mão, em extasi poético, esquecido da caça que volteia em redor, declama de olhos em alvo entre o gáudio das perdizes, coelhos, lebres e perdigueiros.

Neste primeiro fascículo algumas das autorizações são curiosas, reveladoras igualmente do «espírito» dos caricaturados; assim João de Deus declarava:

Cuida então o meu amigo
Que é um caricaturista?
Eu tenho-o para comigo
Na conta de retratista.
Porque não vejo figura
Que não seja caricata:
Hoje efigie a mais exacta
É uma caricatura!
Ponho a questão nestes termos
Para que o Bordalo intenda
Que me pode pôr à venda
Caricato.

Até nos vermos.

Manuel de Arriaga afirma: «E quanto ao meu assentimento para a publicação da caricatura que me diz respeito,— já que assim o queres, assim o tenhas. Lembrar-te-ei no entanto que:

Acho digno de censura
Que faças caricatura
À minha pobre figura;
Pois meu amigo bem vê:
Que por mais fiel e exacto
Que me faças o retrato,
Hás-de ter um plagiato
Do que a Natureza já fêz.

E Eduardo Garrido, o famoso tradutor das mágicas e operetas, que durante anos alegrou os teatros lisboetas, confessava...

Na minha caricatura
 Não consentir ofendido
 Seria qpor-me à ventura
 De me tornar conhecido!...
 Consinto — e muito me apraz;
 Que o seu lápis com certeza,
 Vai fazer uma proesa...
 Que a minha pena não faz!

Do segundo fascículo que devia ser formado por seis estampas, como o primeiro, e que completaria a Obra a que o artista se propusera, há provas, das cinco primeiras chapas, dando-se mesmo a curiosidade de Rafael Bordalo ter executado para a que se refere a Tomás Ribeiro, duas gravuras.

Teixeira de Vasconcelos, na carta-prefácio publicada no primeiro fascículo, refere-se às seis gravuras, descrevendo-as pela ordem em que deviam ser insertas no fascículo. Porém, até hoje, não consegui ver nem a gravura nem a prova de estampa dedicada ao Professor de grego António José Viale, só conheço a reprodução fotográfica do desenho original.

Esta segunda série é considerada, e com razão, mais irreverente, mas também mais rica de fantasia, de pormenor e graça. Iniciava a galeria, Luiz Augusto Palmeirim posto no Olympo entre as musas, Camões e um Veterano. Informa o prefaciador que deu origem a este desenho a contenda que o poeta tivera pela honra dos seus mais próximos parentes.

A segunda caricatura focava Tomás Ribeiro. Aludia à partida para a Índia, na esteira do Gama.

Rodeia-o Silva Gaio que se despede do amigo; e várias personagens criadas pelo Poeta: D. Jaime, A Judia, A Delfina e até D. Martinho que é transportado por galegos a pau e corda associam-se à despedida. No último plano, num grande chorão, estão todos os literatos do tempo acenando e «chorando» a ausência do Poeta. Este foi o desenho escolhido.

Segue-se a gravura referente a Rebêlo da Silva que o meu saudável Amigo Dr. Manuel de Sousa Pinto espirituosamente descreve no seu belo estudo sobre Rafael Bordalo Pinheiro, o Caricaturista:

«Rebêlo da Silva, de dêdo na bôca e largando a pena, apparecia-nos com um pé nas letras e outro na política. Do lado das letras, desenhou Bordalo um apontamento interessante da cena capital da Última Corrida de Touros em Salvaterra, que a fama apregoava juntamente com «A Mocidade de D. João V». Tentando reter o desertor, vêem-se engalfinhadas e desgostosas as letras do alfabeto: um R travando-lhe de um braço; um C agarrando-o pela aba do casaco. Um P suplicante, de joelhos a seus pés; um S feito serpente, mordendo-lhe o calcanhar. Do outro lado, a Política, com um farrapo negro atirado sobre a nudez repelente, e a sua cabeça panveperina de Gorgona, puxa o escritor por

uma perna arrastando-o para os seus concorridos domínios, onde se ergue o mastro de cocanha, erivado de marinhanes ambiciosos.»

Em quarta estampa surge-nos o estranho torturado de Seide; Camilo Castelo Branco. Cavalga uma locomotiva, e tendo na cabeça um tubo de descarga,



Camilo Castelo Branco — 1870 (água-forte)

escreve agarrado a duas enormes canetas assentes sôbre velocípedes. Pela chaminé da máquina saem em negra fumarada muitos volumes. «Anos de Prosa», «Engeitada», «Anatema», «Sangue». Estes caem em França, atordoam o velho Pai Dumas, que olha, atónito, para a pasmosa fertilidade do seu rival lusitano. Em redor desta resfolegante caldeira literária acorre uma apressada multidão para disputar os linguados preenchidos febrilmente por Camilo, enquanto numerosos leitores se ultrapassam pedalandos em velocípedes; a um canto o editor Chardron leva atrás de si um galego que lhe transporta livros e o velocípede, e um pouco mais ao centro Rafael Bordalo rodeado de livros, sentado no chão, lê atentamente.

Esta feliz caricatura que proclama a admirável fecundidade do escritor, já tem sido interpretada como um comentário, feito por Bordalo, a um desastre de caminho de ferro ocorrido no combóio em que Camilo viajava. Mas... a água-forte é de 1870, o descarrilamento deu-se em 1878!

Sempre fomos férteis em imaginação!

Para Castilho compôs o Artista dois desenhos: um que representa o Poeta com uma coroa de louros colocada em volta do seu típico chapéu acarapuçado, de coturnos nos pés, as pernas nuas, túnica curta, manto aos ombros e o inseparável «cache-nez» enrolado ao pescoço. Figurava-o como um rapsodo antigo, talvez Ho-



Antônio Feliciano de Castilho — 1869 (desenho)

mero tocando uma lira como se fôsse uma rebeca, e tendo pendente do braço direito, por uma aselha, o seu bordão de caminheiro onde se lia a palavra *metro*. Erguia-se ao fundo um templo clássico, encimando pela quadriga de *Phebo* e da direita acudiam numerosos ouvintes extasiados, trajando à grega, com as cabeças descobertas, enquanto os da esquerda, entre os quais se contava Viale, Latino Coelho e Mendes Leal, ostentavam o gorro característico da Phrigia.

Parece que êste desenho não satisfez o artista porque desenhou e gravou outro, ao qual se refere Teixeira de Vasconcelos.

Representava Castilho trajando à época, sentado na copa de uma florescente olaia do seu THIBUR, como êle designava o jardim que lhe defrontava os aposentos em que residia na Rua Nova de S. Francisco de Paula. Saüdando o

Poeta, assomavam no horizonte, de um lado, Horácio e Molière, do outro Anacreonte e Ovídio. Em roda da árvore saltitam anjinhos numa nudez inocente: eram os literatos que se acolhiam ao convívio do Poeta; Eduardo Vidal, Pinheiro Cha-



António Feliciano de Castilho — 1870 (água-forte)

gas, Seromenho, Conde de Ávila, Gomes de Amorim e Tomás Ribeiro, enquanto no primeiro plano, crianças brincam com as letras animadas do famoso método repentino para aprender a ler.

Devia-se-lhe seguir a estampa que se refere ao célebre professor de grego António José Viale, concluindo com ela o segundo fascículo.

Reproduz a aula de grego do Curso Superior de Letras, frequentado pela maioria dos literatos do tempo. Estes, entusiasmados com a verbosidade do Mestre, mergulhavam todos no mais beatífico dos sons! Sono tão contagioso que o próprio relógio cabeceava na parede, o retrato do Rei filósofo, instituidor do curso, adormecia na sua moldura e a vela que ardia sobre a mesa, curvava-se! Nas cadeiras dos alunos vêem-se as figuras de Latino Coelho, Andrade Corvo, Bulhão Pato, Alexandre Herculano, Manuel de Arriaga, Mendes Leal, Dr. Tomás de Carvalho, Conde de Ávila, Seromenho, Rebêlo da Silva e Gomes de Brito.

Tem-se atribuído a Castilho o malôgro da publicação do ALBUM, isto é,

o terem-se anunciado dois fascículos e só se ter publicado um. E a propósito diz-se que o velho Castilho ao ter conhecimento das intenções de Rafael Bordalo recorreu ao seu amigo Manuel Maria Bordalo Pinheiro, para, valendo-se da autoridade de Pai, impedir as irreverências do Filho. Castilho habituado à sua intangibili-



António José Viale — 1869 (desenho)

dade de pontífice máximo não admitia que um rapazote se atrevesse a tratá-lo com menos respeito. Não sei até que ponto os conselhos de Pai Bordalo, se os houve, teriam sido escutados.

Nos desenhos alusivos ao velho Castilho não encontro motivos para irritações e Castilho deu a autorização, embora se note nela sem dificuldade, um leve ressentimento, próprio de Castilho e da época em que estes factos se passavam, contra a ARTE DA CARICATURA.

É do teor seguinte a carta datada de 9 de Março de 1870.

«Ill^{mo} Snr. — Tenho sido toda a minha vida um admirador franco dos talentos; e dos que a Providencia disparte á nossa terra, amigo sincero, animador, e pregoeiro. Espero anciosamente um dia, que deve chegar (com-

prazo-me de o crer) em que o filho de um dos nossos pintores mais queridos, o qual me favorece com a sua estima, e já me honrou também representando-me gloriosamente em escultura, se eleve concitado do exemplo paterno, a regiões mais altas e serenas da Arte. Logo que o fogo da sua muita mocidade tiver passado, estou certo de que V. sr.^a se não contentará com os aplausos dos que entendem, que o ridículo atirado pelo talento a tudo quanto sobressai, pouco ou muito, e a todos que, com mais ou menos fortuna, forcejam por aplicar as suas faculdades á gloria da patria, é uma coisa perfeitamente licita, louvavel e meritória. Para mais, e muito mais, é o engenho que Deus lhe concedeu. Complete o seu destino, que pode ser glorioso, consociando á pericia do seu lapis o senso moral e social, que é a alma, a vida, e o immortalizador de todas as obras primas. Perdõe á velhice este falar sincero. Entendi que o devia ao herdeiro de um dos meus primeiros amigos, e de um dos homens mais de bem da nossa terra. Quanto á licença, que V. Snr.^a tão delicadamente me pede, para publicar na sua coleção a minha caricatura, respondo que as leis segundo julgo lha não denegam, e os costumes de hoje em parte lha confirmam. Eu por mim franquissimamente lha concedo. Tenho a honra de ser de V. Sr.^a admirador, amigo e servo. — *António Feliciano de Castilho.*

De Viale é que até hoje nada consegui saber. Porém julgo que devia também ter autorizado, visto que Rafael Bordalo na circular que escreveu para os assinantes declara: «As estampas serão precedidas das cartas com a assinatura em fac-simile autorizando a publicidade, e nela indica o nome de VIALE entre os dos caricaturados.

Para o segundo fascículo Bordalo tinha as autorizações, assim Silva Tulio declarava:

«Como posso eu recusar a permissão que me pede, se estou incurso na pena de Talião?

Tambem já fiz caricaturas, quando agigantava as deformações literarias ou ananinava as perfeições intellectuaes dos meus confrades da imprensa, no tempo das minhas verduras de escritor. Era êste o foro que pagavamos então os enfiteutas do folhetim na época em que ele vivia dessas travessuras.

Agora também me vai *cair* o raio em casa! Mas conte, que se êle me não assombrar, hei-de rir, que para que todos possamos risotear é que vieram ao mundo os folhetinistas da pintura — os Teniers, os Hogarth, os Goyas Y Lucientes, os Grandville, os Chams e V. Sr.^a, de quem sou sincero admirador e afç.^o.

De Dr. Tomaz de Carvalho:

Meu caro Artista. — A caricatura é a parodia do retrato, como a parodia é a caricatura dos escritos. Posso afiançar-lhe que prefiro a reprodução da minha fisionomia feita pelo seu engeho lapis a muitas fotografias burlescas com que me tem mimoseado os retratistas profissionais. Tem, pois, V. Ex.^a a pedida e escusada autorização, e muito estimarei que a fortuna acompanhe as brilhantes primicias do seu primoroso talento. — De V. Ex.^a servo e admirador».

De Francisco Gomes de Amorim:

«Meu querido Artista e amigo.

Ainda não estou em mim do espanto que me causou o seu pedido! Quere autorização para fazer a minha caricatura? Isso é coisa que se peça?!

Eu não ignoro, que o seu lapis lhe dá o singular privilegio de mostrar a quem aspire a ser caricaturado por ele, porque a avidez da popularidade não escolhe já meios para chegar aos seus fins; e sei tambem, que não hade faltar gente despeitada por V.^a não salvar da obscuridade, com o auxilio do seu talento comico; mas permita-me, apesar disso, que a ache pelo menos desusada a permissão que me pede! Imagine meu excelente amigo como ficaria, se alguém fosse dizer-lhe com a maior amabilidade: «Dá licença que lhe vá á cara?»: Confesse que não ha delicadezas de estilo que resistam a esta insolita pergunta, e aqui tem o meu caso! Pois que é caricaturar um pobre homem se não ir-lhe á cara? Fazer rir á custa do desgraçado, a pretexto de que todos tem o seu lado vulneravel, o seu calcanhar D'Aquiles! e aqueles que são todos calcanhar?...

Não tenho animo para lhe mentir, dizendo, que me lisongeia muito com fazer-me mais feio do que sou; mas visto que não ha meio de escapar-lhe saiba que aceito a honra que me faz com a resignação com que as elegantes recebem a chuva no dia em que estreiam um fato novo. Acho imensa graça ás caricaturas... dos outros; os que forem sinceros como eu, devem rir muito... á vista da minha. Não quero pois privar dessa alegria os meus contemporaneos, e suplico ao seu lapis que seja bastante severo... com eles.

De Tomaz Ribeiro:

Meu presado Rafael Pinheiro.

Não carece da minha autorização quem tem de Deus o maior dos direitos: o que foi conferido quando o fogo do genio baixou sobre a sua alma.

Ridendo corrigo mores, é maxima antiga e de proveito; no meio de

tanto riso estúpido é bem que apareçam risos que deem lições. O seu trabalho pode dizer-se novo entre nós e se me fosse dado sondar futuros, prognosticar-lhos-ia brilhantes.

De mais a mais o meu bom Rafael é ótimo cirurgião e tem finíssimos instrumentos no seu estojo; opera fazendo levíssimas incisões e com pequeno derramamento de sangue. De sorte que o operado tem ainda vontade de lhe beijar as mãos como faz o seu admirador e amigo obg.^o

De Camilo Castelo Branco:

Ill.^{mo} Snr. — A ilustre e velha George Sand, a quem, há pouco, pediram licença para a caricaturarem, respondeu que não, porque tinha filhos e netos perante os quais não queria ser ridícula. Louvável pudor em uma dama que é mãe e avó. Eu também sou pai e avô; todavia, como sou amicíssimo dos filhos e provavelmente o serei dos netos, folgo, que eles, habituados a ver-me sempre triste, me vejam alegre ao menos na galhofa com que V. Ex.^a souber transformar-me, graças ao milagre do seu lápis prodigioso. Tenho muita satisfação em que V. Ex.^a me haja dado ensejo para me assinar. — De V. Ex.^a creado e admirador. —

De Luiz Augusto Palmeirim:

Amigo. — Pede-me licença para dar publicidade á minha caricatura: dou-lha completa. Não quero parodiar Scipião negando-lhe vaidosamente os meus ossos. Faça deles o uso julgar conveniente. — Sou seu amigo sincero».

E finalmente de Rebêlo da Silva:

Ill.^m Ex.^m Snr.

Recebo a carta, em que V. Ex.^a pede a minha autorização para introduzir nos seus apreciados desenhos joviaes os meus contornos, como V. Ex.^a espirituosamente escreve. Já tive o gosto de ver e aplaudir alguns desses desenhos entre outros a prelêção do Sr. Viale e de me contemplar neles retratado com uma *verdade de sono e aborrecimento*, que me fez sensação, mas contra a qual protesto, porque as excelentes lições do meu colega sempre me acharam desperto e atento. Provavelmente foi esse excesso de curiosa reflexiva atenção, que a malícia do seu lapis traduziu no ofensivo sono a que aludo.

Falando serio — e peço desculpa do inocente gracejo — pode V. Ex.^a usar dos *meus contornos* como melhor julgar com tanto — é a sua condição — que continue a ilustrar-se a si e a honrar a arte como o tem feito.

Sou com sincera estima, De V. Ex.^a...

Mantenho hoje a opinião que já em tempos expuz: a segunda série do «O CALCANHAR D'ACHILLES» não foi posto à venda pela mesma razão pela qual do jornal «O BINÓCULO», o primeiro jornal que se vendeu dentro dos teatros, saíram só quatro números e de «A BERLINDA» sete! Incapacidade de o nosso meio em sustentar qualquer publicação de Arte, por mais sugestiva que ela seja, quando não tenha a insuflá-la um balãozinho de oxigénio... oficial!

De resto Rafael Bordalo era dum espírito demasiado rebelde para se sujeitar a qualquer obra metódica persistente... Obra fragmentária mas cheia de interesse, por vezes com lampejos geniais, que hoje nos delicia pelo encanto, pela vida que irradia em que sentimos palpitar, vibrar a alma dum glorioso Artista que fixou no seu labor a sociedade do seu tempo e que num momento feliz criou a síntese do Povo Português. — «ZÉ POVINHO!».

Pérola do Rocio, Lda.

Casa especializada em
Chá, Café, Bolachas,
Bombons e Chocolates

ENVIO DE ENCOMENDAS
para todo o País e Estrangeiro

Rocio, 105 — LISBOA — Telefone 20744

ARQUEOLOGIA OLISIPONENSE — II (1)

O CRUZEIRO DAS LARANJEIRAS

Por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

A páginas 105 e seguintes do tómo X, 4.^a série, n.º 3, do «Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses», publicou em 1904 o saudável investigador Sousa Viterbo, uma interessante notícia acerca do Cruzeiro das Laranjeiras (2).

Descreve-o, como todos nós ainda o vimos, no extremo da quinta que foi do Conde de Farrobo, junto às grades que a separam da estrada de Benfica «próximo do chafariz da Convalescença».

Erguia-se então sobre dois degraus de pedra lioz «tendo o primeiro 1^m,55 de comprimento e o segundo 1 metro, sendo a altura de cada um 0^m,18». A base da coluna tem 0^m,41 de altura por 0^m,455 de lado.

É uma robusta cruz floreteada de calcário brando, assente sobre um capitel gótico. O fuste, de mármore, mede 1^m,255 (3).

Numa das faces da cruz está a imagem mutilada de Cristo, e na face oposta, sobre uma pequena mísula, a da Virgem com o Menino.

Diz-nos Viterbo que este cruzeiro, durante a sua longa existência de mais de quatro séculos, terá sofrido alguns reparos e modificações. De facto, além de outros vestígios, nota-se que o Crucifixo está ali embutido e fixado com parafusos de metal.

Em volta do capitel corre uma inscrição de caracteres góticos minúsculos,

(1) À série «Arqueologia olisiponense» pertence a notícia *O baixo-relêvo da Fonte da Samaritana*, publicado na «Revista Municipal», n.º 7, pág. 15 e segs., 1941.

(2) *Cruzeiros notáveis — VI — Cruzeiro da Quinta das Laranjeiras*. Essa notícia tinha sido publicada pouco antes numa série de artigos de jornal.

(3) Estas medições foram feitas pelo meu falecido amigo e distinto arqueólogo, Snr. Augusto César de Mena, para o trabalho de Sousa Viterbo.

lida com algumas incorrecções por Gabriel Pereira, sôbre um calco de gesso, para a notícia de Sousa Viterbo (1).

Diz assim:

:PEDREANS MORADOR AQUI M̄ADOU FAZER ESTE CRUZ A H̄ORA
DE D̄S I DE SCA M

É pois êste cruzeiro, como diz o citado escritor, «devido como tantos outros, à piedade de um indivíduo que o mandou construir, ou por algum acto espiatório, ou por simples devoção, obedecendo ao sentimento religioso da época».

Quanto ao aspecto paleográfico há apenas a notar a falta do *o* que, em expoente, completaria a abreviatura da palavra *cruzeiro*. As abreviaturas das palavras *Deus* e *Santa* são correntes.

Certo dia foi apeado, e não mais o viram os que passam pela estreita e tristonha estrada de Benfica.

Não está porém perdido, antes foi parar a mãos que o conservam e respeitam. Por morte da Senhora Condessa de Burnay, última proprietária da quinta das Laranjeiras, ficou o velho cruzeiro, havia já tempos recolhido nas arrecadações do palácio, pertencendo a sua neta D. Teresa, filha do falecido Conde de Mafra, e casada com o meu parente e amigo Eduardo Valdez Pinto da Cunha, pessoa do mais culto espírito, que o trouxe para sua casa, o antigo palácio dos Marqueses de Valença, ao Campo Grande, e cuidadosamente o ergueu numa das ruas do jardim, onde, embora sem os degraus que já não foram encontrados, está ao abrigo de possíveis mutilações.

Lumiar, Quinta de Nossa Senhora do Carmo, em 27 de Janeiro de 1943.

(1) Incorrecta foi também a leitura que apresentei no volume *Inscrições Portuguesas de Lisboa*, publicado pela Academia Portuguesa da História, pela má visibilidade do local onde então se encontrava o cruzeiro.

O Templo de S. Roque e a Santa Casa

Palavras do sócio Snr. Pedro da Cunha Santos, ditas na Sala das Lotarias, por ocasião da visita dos «Amigos de Lisboa» em 2 de Maio de 1941 e repetidas em 9

Como «Amigo de Lisboa», nascido no século passado numa das características ruas da Baixa, denominada dos Algibebes, hoje de S. Julião, vou ter o prazer de vos conduzir, de vos mostrar e de fazer salientar o que de mais notável existe na Casa da Santa Misericórdia, no Templo de S. Roque e no Museu anexo, cuja colecção artística de paramentos e alfaias revela a grandeza e magnificência com que se ornou a célebre Capela de S. João Baptista.

Assim, nesta missão de vos servir de guia, não devo nem posso explanar-me em divagações descabidas ou dar-vos uma lição de história, para o que me falta competência e saber, sem contar com a perda de tempo para V. Ex.^{as} que não precisam de tais lições.

Foi a 15 de Agosto de 1498 na Capela de Nossa Senhora da Piedade, também conhecida por Capela de Nossa Senhora da Terra Sôlta, erecta nos claustros da Sé Patriarcal que com grande pompa e solenidade se instituiu a Confraria da Misericórdia, por inspiração de Frei Miguel Contreras, da Ordem da Santíssima Trindade, confessor da Rainha D. Leonor, viúva de D. João II.

Esta confraria que tinha por missão a prática do bem próprio e do semelhante, verdadeira associação onde entravam nobres, letrados e artistas, regida por um compromisso, antecessor dos modernos estatutos das associações, adquiriu tal fama e os seus benefícios tanto se espalharam, que não houve no Mundo aonde aportassem portugueses que não fundassem uma Misericórdia à semelhança da de Lisboa.

Almeida Garrett, no Parlamento, referindo-se às Misericórdias, numa célebre sessão em que se tratava da remodelação de serviços de beneficência pública proferiu uma frase que bem poderemos, nós como portugueses, considerá-la um verdadeiro axioma: «As Misericórdias são a base da Beneficência Pública».

E nestes quasi quatro séculos e meio, a Casa da Misericórdia de Lisboa, resistindo aos embates e às vicissitudes da nossa Nacionalidade ainda hoje existe, praticando o bem, evolucionando com o progresso, graças ao espírito português e altruista dos seus numerosos Benfeitores que com os seus legados e doações a têm contemplado, fazendo aumentar o seu capital, a cujos rendimentos é aliada uma importante fonte de receita que os vem avolumar e são os lucros das lotarias, dos quais também participam pela parte que compete ao Tesouro Público as inúmeras instituições de beneficência existentes em todo o País.

Assim, sem evocar as fases, ainda que notáveis, desde a sua fundação, brilhantemente historiadas na Memória «A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa» do falecido escritor Victor Maximiano Ribeiro, meu companheiro de trabalho, e aprovada e publicada pela Academia Real das Ciências em 1901, peço a V. Ex.^{as} licença para dar uma ideia muito pálida da vastidão das assistências actuais da Misericórdia de Lisboa, que em núcleos de maior ou menor grandeza se encontram dispersos por toda a cidade, acudindo aos desvalidos desde o bêrço até à morte.

A beneficência ou assistência exercida pela Misericórdia, pode dividir-se em 3 grupos:

- Assistência infantil, tutelar e educativa;
- Assistência à invalidez, velhice e indigência;
- Assistência médica, farmacêutica e de hygiene.

1.º grupo

Assistência infantil, tutelar e educativa

Compreende:

Internatos: Recolhimento Central — Casa Maternal — Tutelados na Casa Pia — Maternal do Alto do Pina — Maternal da Ajuda — Instituto de Luíza Paiva de Andrada — Recolhimento das Órfãs — Instituto de Cegos Branco Rodrigues.

Semi-Internatos: Aula da Rainha D. Leonor — Colégio Araújo — 1.º Semi-Internato — 2.º Semi-Internato.

Lactários: Campo de Santa Clara — Largo de Trindade Coelho — Jardim da Estrela (creche anexa) — Rua da Mouraria — Calçada da Tapada (e creche de Vitor Manuel) — S. Sebastião da Pedreira — Rua S. Bento (e creche de Nossa Senhora da Conceição).

Despesa em 1939 com vestuário, roupas, subsídios e alimentação: Escudos 3:167.294\$62.

Casa Africana

Rua Augusta, 161 / Telef. 2 4264-65 PBX / Lisboa

R. Sá da Bandeira, 166 / Telef. 1361 PBX / Pôrto

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador, estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrozaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

Preços fixos e marcados em todos os artigos

ON PARLE FRANÇAIS

ENGLISH SPOKEN

A Livraria SÁ DA COSTA

Ao inaugurar as suas novas instalações, apresenta as seguintes novidades:

- «A PAIXÃO DE PEDRO O CRU», pelo Dr. Afonso Lopes Vieira, 2.^a edição, refundida, definitiva e ilustrada — 12\$50.
- «CONFERÊNCIAS DE ARTE», 2.^o volume, pelo Dr. Reinaldo dos Santos — 30\$00.
- «DIVINA COMÉDIA DE DANTE», adaptação do Dr. Marques Braga — 12\$50.
- «GIL VICENTE — Obras Completas», 3.^o vol., prefácio e notas do Dr. Marques Braga, em 2 edições — vulgar e especial — respectivamente 15\$00 e 80\$00.
- «O QUE TODO O PORTUGUÊS DEVE SABER DE PORTUGAL», por Albino Forjaz de Sampaio — 8\$00.
- «PRESENÇAS ETERNAS», pelo Dr. João de Barros — 15\$00.
- «REVISTA LUSITANA», vol. 38, que ainda foi organizado pelo Dr. J. Leite de Vasconcelos — 40\$00.

À venda nas Livrarias. LIVRARIA SÁ DA COSTA, sede: R. Garrett, 100; sucursal: Poço Novo, 24. Telefones 22015/6.

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas		
7,45	WCRC	31,1 m.	9.650 kc/s.	17,45	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s.
	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s.	18,45	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s.
9,45	WRUW	49,6 m.	6.040 kc/s.	19,45	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s.
	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s.	20,30	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s.
12,45	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s.		WDO	20,7 m.	14.470 kc/s.
	13,45	WDL	30,8 m.	9.750 kc/s.	22,00	WGEO	19,6 m.
WGEO		19,6 m.	15.330 kc/s.	23,00	WCEA	25,3 m.	11.847 kc/s.
14,45	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s.		WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s.
	17,45	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s.	00,45	WDL	30,8 m.
WCEA		25,3 m.	11.847 kc/s.	01,45	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIARIAS

OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

CHÁ CELESTE
preto e verde, uma delícia!

2.º grupo

Assistência à invalidez, velhice e indigência

Compreende:

- Asilo do Amparo (hospício para 90 velhas);
- Subsídios e auxílios pecuniários à invalidez, velhos, presos, etc.;
- Transporte de doentes e indigentes;
- Dotes para casamentos a órfãs e prémios de bem-casados;
- Assistência alimentar a indigentes fornecida por 21 sopas de pobres em: Belém, S. Vicente, Alcântara, Santos, Santa Isabel, Benfica, Ajuda, S. Sebastião da Pedreira, Anjos, Xabregas, Lumiar, Algés, Santa Marta, Mercês, Escolas Gerais, Poço do Bispo, Penha de França, Mouraria, Santa Engrácia, Carnide, Campo Grande.
- Cozinhãs Económicas em S. Bento, Almirante Reis, Alcântara, Xabregas, Cais de Santarém.

Despesa:

Subsídios pecuniários	2:587.888\$00
Alimentação	5:203.010\$00
	<hr/>
	7:790.898\$00

Nas Sopas dos Pobres distribuíram-se 6.590.141 rações no ano de 1940.

3.º grupo

Assistência Médica, Farmacêutica e de Higiene

- Instituto Médico Central — Tratamentos, operações e hospitalização de protegidos da Misericórdia com consultas de especialidades e agentes físicos.
- Dispensários Médicos — Consultas externas e fornecimentos de medicamentos em: Calçada da Tapada, Santa Marta, Campo de Santa Clara, Poço do Bispo, Benfica, Campo Grande, Ajuda.
- Farmácia Central na sede da Misericórdia e farmácias nos Dispensários Médicos.
- Socorros Nocturnos Domiciliários: no I. M. C. médico permanente durante a noite para atender a qualquer chamada por intermédio das Esquadras policiais.
- Sanatório de Santa Ana, em Parede: hospitalização e tratamento de tuberculose óssea a crianças do sexo feminino.
- Balneário gratuito na Rua da Esperança.

Quis a fatalidade que o terrível terremoto de 1755 destruisse o edificio notável mandado construir por D. Manuel I para sede da Misericórdia e que era junto à Alfândega, do qual só hoje existe o pórtico monumental da Igreja da Conceição Velha.

Mais tarde, porém, um outro Rei, D. José fez-lhe doação do actual edificio e da sua Igreja, a todos os títulos digno da nossa Capital que, muito resumidamente, vou tentar descrever com os fracos recursos dos meus apontamentos.

A história da fundação do Templo de S. Roque e da sua antecessora a Ermi- mida que primeiro guardou a célebre relíquia do seu patrono, descrita em antigos códices existentes na Biblioteca Nacional, na «LISBOA ANTIGA» do mestre Júlio de Castilho, na História da Companhia de Jesus do Padre Francisco Rodrigues, e, finalmente, nas «Peregrinações em Lisboa», do nosso consócio Sr. Norberto de Araújo, além de diversos folhetos, não a vou reproduzir, pois resultaria numa escusada redundância. Por aqui passaram as maiores notabilidades e grandes defensores da Religião e da Pátria em terras de infiéis, desde S. Francisco Xavier, Padres Francisco Suarez, António da Fonseca, António Vieira e o Beato António de Brito, designado pelo «Xavier Português».

O Templo é de uma só nave, com 10 arcos, 5 de cada lado que correspondem às suas profundas capelas, com excepção dos dois últimos que formam o cruzeiro.

As paredes são forradas de azulejos, com diversos signos religiosos, da autoria de Francisco de Matos, datados de 1584 e 1596.

Por cima dos dois púlpitos de cantaria, a meio da Igreja, em nichos nas paredes, elevam-se as imagens dos 4 Santos Evangelistas: S. Marcos, S. Mateus, S. Lucas e S. João Evangelista.

Ao longo das paredes grandes quadros emoldurados representam episódios da Vida de Santo Inácio de Loyola, desde o cerco de Pamplona até à exaltação póstuma do Santo.

Nos intervalos dos arcos, em painéis triangulares, curvos, os retratos de doutores da Igreja: S. João Crisóstomo, Santo Agostinho, S. Ambrósio, S. Gregório Nazianzeno, S. Gregório e S. Jerónimo, atribuídos ao pintor André Reinoso.

O côro é sustentado por duas colunas dóricas, em pedra, onde se ostenta um órgão monumental com 1694 tubos, recentemente reparado.

Nas Capelas do cruzeiro e em outras laterais encontram-se expostas cerca de 1.200 relíquias.

Nos três últimos anos tenho tentado, gradualmente, dentro de fracas verbas orçamentais fazer restituir à Igreja de S. Roque a sua antiga majestade, livrando-a de excrecências que a deturpavam, e ocultavam os inúmeros valores artísticos que nela se contêm, além, naturalmente, das simples beneficiações e limpezas que durante três dezenas de anos se não realizavam.

E, se numa Igreja deve prevalecer o ambiente apropriado para a adoração de Deus, não é menos certo que a sua imponência não pode ficar oculta à vista dos crentes.

Foi nesse pensamento que procedi à iluminação artificial do Templo que, julgo, foi realizado até certo limite, sem vislumbres de exuberância teatral e sem que o espírito e a vista se distraíssem num alheamento da própria existência.

O que acabo de dizer nada elucida sobre o alto valor, a qualidade e a quantidade das riquezas, dos mármore, das pinturas e das relíquias religiosas e artísticas existentes por toda a Igreja e nas suas capelas, cada uma tendo a sua história, desde a Capela-Mor doada pela Companhia de Jesus a D. João de Borgia para sua sepultura, às outras laterais, mais majestosas do que muitas ermidas, até às do Cruzeiro, mais pequenas sim, mas também dignas de serem vistas e admiradas.

De todas sobressai, naturalmente, a Capela de S. João Baptista mandada construir em Roma por D. João V.

A monografia histórica e descritiva da Capela da autoria do Dr. Sousa Viterbo e de Rodrigo Vicente de Almeida, até ao IV volume do Guia de Portugal Artístico que insere valiosa colaboração do Dr. Queirós Veloso, Dr. Serafim Leite, Dr. José da Silva Ramos e Nogueira de Brito, descrevem-na com o devido brilho e elegância. Dispensam-me, assim, de tentar, por desnecessárias, fazer-lhe quaisquer referências que estou certo não poderiam traduzir o que de belo e artístico vão V. Ex.^{as} apreciar.

Mais duas palavras. Agora, sobre o Museu, cuja colecção tão completa de paramentos e de alfaias é causa da admiração de nacionais e estrangeiros.

Em Agosto de 1898, comemorando o 4.º centenário da fundação da Misericórdia de Lisboa foi inaugurada na Sacristia da Igreja de S. Roque uma exposição do Tesouro da Capela de S. João Baptista. Dêste ensaio, sugeri a ideia de transformar esta simples exposição em Museu, o qual em Janeiro de 1905 foi instalado numa única sala, a das reuniões do Capítulo da Casa Professa. Em Agosto de 1931, foi acrescentado de uma galeria e de outra grande sala.

Nesta nova instalação têm sido tentados esforços, sob a minha superintendência, para melhorar a sua exposição e arrumação, incluindo a iluminação artificial que, julgo, lhe empresta um brilho digno do seu valor artístico, permitindo simultaneamente a visita nocturna dos seus admiradores.

Ao pedir a V. Ex.^{as} desculpas do tempo que vos roubei, e antes de penetrarmos religiosamente na Igreja de S. Roque, dai-me licença para recordar o que Sousa Viterbo diz na introdução do seu livro: Templo e Museu é conjuntamente a Capela de S. João Baptista; não perderá a fé de cristão quem entrar nela,romeiro da arte, com os olhos fitos no Belo!

DISSE.

Velhas Casas de Lisboa

I

A Casa onde nasceu o Beato João de Brito

PELO DR. FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

(Conclusão)

E porque o dito predio se acha onerado com a quantia de trez contos quatrocentos trinta trez mil duzentos e quatorze reis e dois terços de tornas que devem elles vendedores dar, a saber a Herdeira Anna Henriqueta um conto e quinhentos vinte e dois mil sette centos settenta e sette reis e hum terço e ao Herdeiro Felix Manoel Pereira Coutinho hum conto se. (fol. 4) te centos oitenta hum mil duzentos trinta dois reis e hum terço, e a Herdeira Joaquina Rosa cento e vinte nove mil duzentos e cinco reis, que se achão convencionados e elles vendedores e Compradore athe se ajustarem as Contas que elles Herdeiros tem com o Testamenteiro e Inventariante e Tutor dos menores Antonio Montez Gracia cujo arranjo vão logo tratar para receberem delle comprador as quantias que a cada hum pertencer das ditas tornas em acto e Factura desta Escriptura somente elles Vendedores recebem o resto do preço da dita Venda, que he depois de abonadas as quantias já recebidas e da importan- (fol. 4, v.) cia do Referido foro a quantia de quatro centros sete mil sento oitenta seis reis com a qual e com as tornas com que elle Comprador he responsavel fica saldado todo o preço desta venda. E porque elles Vendedores foram notheficados a Requerimento do dito Testamenteiro para não entregar as ditas tornas pertencentes a herdeira Anna Henriqueta e sim hir ajustar as Contas que tem com elle Testamenteiro, igualmente estes fizera Citar a elle Comprador para não entregarem as referidas tornas aos Vendedores sem que elle na figura do Curador e tutor dos menores Felix Manoel Pereira Coutinho, deve haver em tal caso não se ajustan- (fol. 5) do elles herdeiros a receberem o que lhe pertencer logo e sem de novo entrar a este Comprador com as ditas tornas no Deposito Geral por conta de quem pertencem para ficar livre e desembaraçado o dito predio das ditas tornas. E logo neste acto elle Comprador Braz da Cruz ahy na minha presença e das testemunhas de uso entregou os ditos quatro centos sete mil sento oitenta seis reis em dinheiro corrente neste Reyno. E elles Evaristo da Silva e sua

mulher contarão, receberão, e acharão certo sem erro nem falta de que eu Tabellião dou minha fé e por tanto disse que por este Instrumento na minha forma de direito da plenissima e geral quitação, a elle (fol. 5, v.) Comprador do preço desta Venda pella quantia recebida e tornas que tem a dar porque com tudo as poem Cedem transferem e trespação neste Comprador das quaes podera tomar posse e quer a tome o não desde ja lha ha por dada e transferida pella Clauzula Constitute premetem e se obrigão a fazer esta Venda boa em todo o tempo certa de paz, livre e dezobrigada sem mais onus o encargo algum do que a dita penção de foro e Laudemio como fica dito e a cimporem (?) a este Comprador de toda a ivicção de direito ao que obrigão e hypotecão todos os seus bens e rendas presentes e futuras. E por elle Comprador foi dito aceita esta Escritura de Compra e (fol. 6) quitação na forma expressada, e me apresentou a Certidão da Ciza que se segue (Ciza) — Lugar das Armas Reaes = Por Ademenistração Regia Os Offeciaes de El-Rey da Meza da Ciza das herdades Fazemos saber aos que a presente certidão virem que a folhas oitenta quatro verso do livro em que se lanção as Cizas dos bens de Raiz no anno de mil oito centos e vinte hum se acha lançada a Verba do theor e forma seguinte Bras da Cruz morador no Largo da Graça Freguesia de Santa Marinha disse compra a Evaristo da Silva e a sua mulher Maria do Carmo hum predio que se compoem de duas propriedades de Casas contiguas com seus Patios e quintal (6, v.) Cito no Lado do Poente da Rua de Santo Andre Freguezia do mesmo Santo Numeros dezoito a vinte prazo foreiro á Casa de Bernardo Maria Lourenço Botelho pella quantia de quatro contos de Reis de que pagou de Ciza quatrocentos mil reis, e de como recebo o Recebedor interino a dita quantia assignou comigo Escrivão da Receita Lisboa quinze de Outubro de mil oitocentos e vinte hum, José Joaquim Pereira = Rodrigo Botelho da Fonseca Paganino. E disse mais elle Comprador que para esta Compra havia requerido a necessaria licença ao Senhor Directo aquem havia pago o competente Laudemiro e foros devidos, como tudo constava da petição e Despachos (7) que me apresentou e hira incerto nos traslados desta Escritura e que se obriga a fazerlhe o seu competente Reconhecimento e darlhe delle copia para seu titulo na forma do estillo. E outro sim por virtude do pagamento das ditas tornas se porão as competentes Verbas de distrate nesta Escritura. Assim o Outorgaram pedirão e aceitarão sendo testemunhas presentes Felisberto de Oliveira, Escrivão do Geral e morador no Largo da Graça Freguezia de Santa Marinha, e Antonio Augusto Pinto, Caixeiro da Classe de Laa e Seda na rua Augusta, que ambos afirmaram serem elles partes os proprios que assinaram e (7, v.) testemunhas depois desta lhe ser lida. E por ella Vendedora Maria do Carmo dizer que não sabia escrever assignou a seu Rogo Thomaz Rodrigues Areia E eu Jose Manoel d'Antas Barbosa Tabellião o escrevy = Arrogo da Outorgante Maria do Carmo Thomaz Rodrigues Areia = Evaristo da Silva = Braz da Cruz = Felisberto de Oliveira = Antonio Augusto Pinto = Traslado da petição de que nesta se faz menção = Illustrissimo e Excellentissimo Senhor = Diz Evaristo da Silva que por morte de sua May Maria Bernarda no Inventario que de proximo se ultimou, e que se fez dos bens que ficarão de sua falecida Avó Joa (fol. 8) quina Maria de Jesus Coutinho pertenceo ao Supplicante huma propriedade de Cazas, Citas no Lado do Puente da Rua de Santo Andre freguezia deste Santo a qual he prazo em vidas de que Vossa Excellencia he dignissimo Senhor Directo com o foro annual de seis mil e seis centos reis e o laudemio de quarentena de cupo prazo tomou o suplicante proximamente posse, e porque esta justo a Vendello a Braz da Cruz pella quantia de quatro contos de reis livres para elle Suplicante de Ciza e Laudemio he por isso que supplica a Vossa Excellencia se digne conceder-lhe licença para se efectuar a dita Venda pagos os foros que se dever e competente (fol. 8, v.) Laudemio na forma e com as formalidades devidas = Pede a Vossa Excellencia se digne con-

cederlhe a dita licença na forma que Suplica = e Recebera Merce = Evaristo da Silva mostrando quitacoens em de como estão pagos os foros decursos e Laudemios Concedo a licença que pede, e sera obrigado a dar-me huma Escritura de Reconhecimento dentro de quinze dias sem effeito esta licença Lixboa dezacete de Outubro de miloito centos vinte e hum = Bernardo Maria Lourenco Botelho Abreu Rego e Castro = Estou pago do Laudemio e de hum foro que somente se me deve, e que hade venceroe pelo Natal do presente anno de mil oitocentos e vinte hum, ficando na mão do Comprador a Decima do dito foro Lisboa onze de Outubro de mil oitocentos e vinte hum = Bernardo Maria Lourenço Botelho Abreu Rego e Castro. E eu J.^o M.^o d'Antas Barbosa Proprietario Encartado de hum dos Off.^{os} (fol. 9) de Tab.^{am} Jr.^l e Notas por S. Maj.^o F. nesta Cid.^e de Lx.^a e seu Tr.^o e Privativo da Coroa e Fazenda este instrumento de Notas a q̄ me reporto fiz escrever a presente Cópia q̄ consta da Escritura de Compra de Braz da Cruz... (?) Em testemunho de verdade = J.^o M.^o d'Antas Barbz.^a

Auto de posse

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil Outocentos e Vinte e hum aos Vinte e quatro dias do mez de Outubro do dito anno nesta Cidade de Lisboa me foi apresentada a Ecriptura Retro e supra por Braz da Cruz, reque-rendo-me que por virtude della lhe desse posse das duas Propriedades de Cazas Constantes da mesma Escriptura: Em Cumprimento da qual fui Eu Escrivão Com o sobredito a Rua de Santo Andre freguezia deste Santo as ditas Propriedades de Cazas sendo huma Com frente ao Lado do Nascente da dita Rua com os numeros dezoito athe Vinte, e Esta tem huma porta que fica na frente da Costa do Cas-tello que he serventia de hum armazem; e a outra Propriedade tem a serventia por (fol. 9, v.) hum Patio Com Numero quatorze na Calssada do Menino Deos; e ambas se achão Confrontadas na dita Escritura Retro que Reconheço serem as proprias nella mencionadas de que dou fé; e Entrando o dito Braz da Cruz nas Loges e andarez Patios e Quintal e suas Officinas deambas as ditas propriedades e fazendo os actos possessorios abrindo e fechando portas e pondo as mãos pellas paredes; disse Em alta e intelligiveis Vozes que dellas e de todas as suas pertencas Serventias e logradores, assim e do mesmo modo que lhe forão vendidas e possuidas pello Vendedor e seus antecessores tomava posse por lhe pertencerem Em Rezão da Compra que dellas fizera Constante da Referida Escriptura Retro: E com effeito a dita posse tomou manca e passificamente sem Contradição de pes-soa alguma; Real, e actual, Cível e natural; e Eu Escrivão lha houve (?) por dada e tomada tanto quanto devo e posso e me he premetido na forma da Ley. E notifiquei aos Inquelinos que a presente ocupão os ditos Predios para reco-nhecerem ao Apossado por Senhor e prossuidor delles, e lhes fazerem Seus arendamentos; elhes pagarem as Rendas do primeiro de Janeiro do anno proximo fucturo de mil outo Centos e Vinte e dois em diante (fol. 10) Em diante Com a Cominação da Ley: E para Constar fiz este Auto que dou fé passar o Seu Con-theudo na Verdade a que forão Testemunhas presentes Joze Joaquim de Barros Tenente Comandante da Companhia Outava do Regimento do Real Corpo da Polli-cia e morador junto ao dito Quartel no largo da Graça; e Joze Antonio Coelho Alferez da dita Companhia Supra e morador no mesmo Citio e Eu Felisberto de Oliveira Escrivão do Meirinho da Chancellaria da Corte e Caza da Supli-cação, e do Geral o fiz, e Com o apossado e testemunhas asigney = a) Felisberto de Oliveira = Bras da Cruz = Joze Antonio Coelho = José Joaquim de Barros Ten.^{te} Comt.^e da 8.^a Comp.^a da Grd.^a Real da Policia.

(Fol. única). Como Testamenteiro, e Inventariante dos Bens, que ficarão por falecimento de Anacleto Joze Bezerra, Receby do Sr. Braz da Cruz a quantia de Cento vinte e nove mil duzentos e sinco reis pellas tornas que o Sr Evaristo

da Silva Deve dar a Herdeira Joaquina Roza Bezerra, e de que era Epoteca a Propriedade de Cazas juntas ao Arco de Santo Andre as quaes o dito Senhor Comprou a Evaristo da Silva, e ao mesmo Comprador entreguei todos os Titulos pretencentes a referida Propriedade, que Existião em meu poder, ficando eu responsavel pella referida quantia para a entregar a referida herdeira como o mais q̄ lhe heide entregar pertencente à Herança do Dito falecido seu mano Anacleto José Bezerra e por ser verdade passei o presente Lisboa 23 de Outubro de 1821.

a) Antonio Montez Garcia

Reconheço o sinal supra ser do proprio. Lx.^a 23 de Outbr.^o de 1821 Em test.^o de Verdade. = J.^o M.^{el} d'Antas Barbosa Fica lançado em meu L.^o d'Notas n.^o 216, fls. 36 v. Lx.^a 3 d'Novbr.^o de 1821. O Tab.^{am} = José M.^{el} d'Antas Barbosa.

(Fol. única). Como Tutor, e Testamenteiro, que sou dos Falecidos D. Joana Maria de Jesus Coitinho, e seu Terceiro marido Anacleto José Bezerra Receby do Sr. Braz da Cruz a quantia de hum conto sete centos, e vite e hum mil duzentos e trinta e dois reis, pellas tornas que Devia dar o Senhor Evaristo da Silva, a Feles Manuel Pereira Coitinho de que sou Tutor, e do que hera Epoteca a Propriedade de Cazas juntas ao Arco de Santo Andre, as quaes o ditto Senhor Comprou ao Senhor Evaristo da Silva e ao mesmo comprador entreguei os Titulos Corresponentes, e que tinha em meu poder, pertencentes a referida Propriedade e por ser verdade todo o referido passei o presente Lisboa 23 de Outubro de 1821.

a) Antonio Montez Garcia

Reconheço o sinal supra ser do proprio Lx.^a 23 de Outbr.^o de 1821. Em test.^o de Verdade = J.^o M.^{el} d'Antas Barbosa. Fica lansado em meu L.^o d'Notas n.^o 216, fls. 36, v. Lx.^a 3 d'Novbr.^o de 1821. O Tab.^{am} J.^o M.^{el} d'Antas Barbosa.

(Fol. 1). Diz Braz da Cruz que da Execução que por Este Juizo, Escrivão José Teixeira Pinto Chavez Cabral faz Anna Henriqueta e seu marido a Evaristo da Silva Se lhe faz percizo que o dito Escrivão lhe passe por Certidão o que o Supplicante apontar dos d.^{os} autos e para isso Pede a V. S.^a lhe faça merce de assim o mandar. E. R. M.

Passe. a) Araujo R.^a

(Fol. 1. v.). Joze Teixeira Pinto Chaves Cabral Escrivão Proprietario Encartado em hum dos Officios da Correição do Civel da Corte na Caza da Supplicação della Conferencia por Sua Magestade Fedelissima que Deos goarde etc. Aos Senhores que a presente Minha Certidão Virem Certifico e faco Certo que Eu Sou Escrivão de huns Autos que Se entitulam pela forma seguinte (Fol. 2) Titulo dos Autos. Lisboa. Mil Outocentos e Vinte e hum. Segunda Classe. Joze Teixeira Pinto Chaves Cabral. Livro Treçeiro. Execução de Sentença Civel de Carta de Parti- (Fol. 2, v.) lhas em que São partes Anna Henriqueta de Jesus Coutinho e Seo Marido Joze Gregorio Bricio Contra Evaristo da Silva e Sua Mulher Maria do Carmo. E não se continha mais em o Titulo dos ditos Autos em os quais a folhas duzentos e qu- (Fol. 3.) rente e tres Se acha o Termo de Quitação do qual o Seu theor he pella forma e maneira seguinte. Fls. 243. Termo de Quitação da quantia de hum conto quinhentos e vinte e dois mil Sette centos Setenta e tres reis na forma da Ley torna, a que os Reos erão obrigados (Fol. 3, v.) pella sentença retro. Aos vinte e quatro dias do mes de Outubro de mil Outocentos e Vinte e hum em Lisboa no meu Escriptorio apparecerão presentes os Autores Exquentes Anna Henriqueta de Jesus Coutinho e Seo Marido José Gregorio Bricio e Receberão dos Reos Evaristo da Silva e sua Molher Maria do Carmo por mão de Braz (Fol. 4.) da Cruz como procurador de hum Prazo Cito ao Arco de Santo Andre que pertenceo aos ditos Reos a quantia de hum

conto quenientos Vinte e dois mil Sette centos Setenta e tres reis na forma da Ley torna a que os ditos Reos herão Obrigados digo Obrigados pelo que demais lhe foy Adjudicado em Seu pagamento Cujá quantia os Reos Vende- (Fol. 4, v.) dores dos Referidos Prazos havião deixado para este pagamento na mão do Referido Comprador delle e que ao haverem Recebido a referida quantia dixerão que della davão aos Sobreditos Reos plena e geral Quitação para sempre e premetiam mais não lha repetirem a Sobredita quantia em tempo Algum de baixo da penna da Ley e Geral Obrigação de Seos bens e que não (Fol. 5) tinham duvida em que esta quitação Se julgue por Sentença e a prezente Execução quanta aos ditos Reos por Extinta e plo asim dizerem fiz Este Termo que elles assignarão sendo Testemunhas prezentes Agostinho Joze Alves Pereira que Vive de Sua Agencia morador na Travessa de São Francisco de Paula Freguezia das Mercês e Sebastião Joze Fer- (Fol. 5, v.) reira Caldas Official Papelista morador na Rua da Oliveira, Freguezia do Sacramento que ambos com os Exequentes assignarão E eu Joze Teixeira Pinto Chaves Cabral o Escrevy. Anna Henriqueta de Jezus Coutinho = Joze Gregorio Bricio = Agostinho Joze Alves Pereira = (Fol. 6) Sebastião Joze Ferreira Caldas.

E não Se Continha mais Couza Alguma em o que nestes Autos vay transcritto que sendo... (?) da forma que dito he e declaro do fé e se acha nos ditos Autos as sobreditas folhas Com o theor do que fiz passar a presente e minha certidão em (Fol. 6, v.) em consequencia do despacho proferido na petição onde principia Este A qual vay bem e na verdade sem que leve couza que duvida faça que por mim Vista Seja Rezervado não Va e Verdade e na fe do que esta vay por mim Sobrescripta e assinada. Dada e passada em esta Corte e Cidade de Lisboa Juizo da Correição do Cível da Corte em (Fol. 7.) vinte e nove dias do mes de Outubro de mil e Outo centos e Vinte e hum Pagousse de feittio desta a quantia de Sette centos e Outenta reis digo de Duzentos e outenta reis e de papel dezouto reis E eu Joze Teixeira Pinto Chaves Cabral a subscrevi e assigney. a) Joze Teixeira Pinto Chaves Cabral Fica lavrada em meu L.º de Notas n.º 216, fl. 36, v., Lx.º 3 de Nobr.º de 1821. O Tab.ºm J.º M.º d'Antas Barbosa.

(Fol. 1) Por este por mim assignado declaramos Eu e minha mulher Maria do Carmo que temos Justo e Vendido ao Snr. Braz da Cruz a Propriedade de Cazas Citas Junto ao Arco de S.º Andre que formão hum Prazo foreiro a Bernardo Maria Sousa Botelho, e isto pella quantia de quatro Contos de reis na forma da Ley; e por Conta desta quantia e Venda recebi neste acto, digo Venda Recebemos neste acto a quantia de noventa e seis mil reis em metal e nos obrigamos a assignarmos a Escripura da Competente venda sendo a Ciza por conta delle Comprador que a podera pagar e nos obrigamos a fazer lhe boa a dita Venda e seremos obrigados a fazer lhe Entrega dos Competentes Titullos e a dezobrigar a dita Propriedade das Tornas a que esta honorado E para constar Se passou a prezente e por minha mulher não saber Escrever assigna a Seu Rogo Felisberto de Oliveira Escrivão do Meirinho da Chancelaria Lisboa 14 de 8bro 1821 — Evaristo da Silva. Arrogo da Sobredita — Felisberto de Oliveira.

(Fol. 1) Diz Antonio Montez Garcia, que como Testamenteiro e Inventariante dos bens que ficaram por falecimento de D. Joana Maria de Jezus Cohnho e seu 3.º Marido, e Tutor nomeado aos menores, que pelo mesmo Inventario indicado deve o Herdeiro Evaristo da Silva dar de tornas ao menor Feles Manoel Pereira Coitinho 1.781\$232 1/3 — de quem o Supplicante hé Tutor; e assim mais deve dar de Tornas a Sua Irmaã Anna Henriqueta de Jezus Coitinho 1.522\$777 1/3 E a Joaquina Roza 129\$205 E porque os bens principais que lhe forão dados para pagamento da Cotta Hereditaria do Supplicado conste princi-

palmente em huma Propriedade de Cazas Citta junto ao Arco de Santo André, e consta ao Supplicante que o Supplicado a pertende vender a Braz da Cruz, he por isso que pertende fazer Cittal ao ditto Comprador para não Entregar do preço da Compra as dittas quantias supra declaradas (Fol. 1, v.) Em razão do Supplicante Ser Credor, como Tutor do Menor da quantia declarada, e assim mais á Herdeira Anna Henriqueta de mais de hum Conto de Reis, e isto com a cominação de que Entregando as dittas Tornas a qualquer dos Supplicados sem que primeiro o Supplicante, como Representante dos Herdeiros Credores seja pago dellas ser Responçavel pella ditto Propriedade e outros quasquer seus bens.

P. a V. S.^a faça mercê mandar se Citte o Supplicado para o dito fim, e sua Cominação.

E. R. M.ê

Cumpra

a) Araujo B.^a (Beça).

Note

(Fol. 2) Certifico que notifiquey a Braz da Cruz pello Conteudo na petição do theor seguinte = [Repete-se o conteudo a fls. I e Iv.], e esta Citação se hade accuzar na primeira audiência do Cível da Corte, que se fazem na Salla do R^{om} [?] as 2.^{as} e 5.^{as} feiras de tarde Lisboa dezenove de Outubro de 1821, o Escrivam do Meirinho das Cadeas

a) Joze Ferreira Leão.

(Fol. 3) Notefiquey ao Suplicado Braz da Cruz em Sua pessoa pello Conteudo nesta petição, que lhe Li, e disse que se hade accuzar na primeira audiência do Cível da Corte, onde e quando Se Costuma fazer, o que Certifico Lisboa dezenove de Outubro de mil oito Centos vinte, e hum, o Escrivão do Meirinho das Cadeias

a) Joze Ferreira Leão.

4.^a SÉRIE DE DOCUMENTOS

(Fol. 1) *Juizo de Direito da 6.^a Vara da Comarca de Lisboa* Escrivão do 2.^o Officio Celestino Augusto Nunes.

Carta de Sentença e formal de partilhas extrahida dos autos d'inventario de maiores a que neste juizo se procedeu por fallecimento de Dona Francisca Maria Pereira e em que foi inventariante Manuel Elias, viuvo da inventariada.

Passada a favor de Maria Joaquina Duarte auctorisada por seu marido Jose da Costa.

Da Importancia de Reis 16.441\$770.

E para seu titulo.

Dom Carlos Primeiro por graça de Deus Rei de Portugal, Algarves e seus dominios etc., Fa (fol. 1, v.) ço saber a todas as Minhas Justiças e authoridades em geral e em especial áquellas a quem esta Minha carta de sentença de Formal de partilhas fôr apresentada, e o seu cumprimento fôr requerido que pelo juizo de Direito da sexta vara d'esta Comarca de Lisboa, e cartorio do escrivão que esta ha-de subscrever, se processaram e existem uns authos d'inventario de maiores a que se procedeu por fallecimento de Dona Francisca Maria Pereira, e em que foi inventariante Manuel Elias, viuvo da inventariada; e nos mesmos autos se veem as seguintes peças a transcrever na presente carta. Au- (fol. 2) *to de juramento e declarações a fls. 12.*

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e

noventa e cinco, aos desesseis de janeiro n'esta cidade de Lisboa e tribunal judiciario aonde se achava o Doutor João Rodrigues d'Azevedo, Juiz de Direito na sexta vara d'esta Comarca comigo escrivão do seu cazo; aqui compareceram o sollicitador Alfredo Anibal de Mendonça Heitor na qualidade de procurador de Manuel Elias, o proprio a quem o Juiz deferiu juramento nos santos Evangelhos, e sob cargo do qual o encarregou de, com boa e sã consciencia servir de cabeça de casal inventariante no (fol. 2, v.) presente inventario fazendo todas as declarações legais, descrevendo todo o activo e passivo do casal, e prestando por elle o mesmo juramento assim o prometteu cumprir, e em seguida declarou: Que a inventariada se chamava Francisca Maria Pereira, e falleceu no dia dez de dezembro de mil oitocentos noventa e quatro na sua casa de residencia no Largo da Graça, numero cem, freguesia de Santo André e Santa Marinha d'esta cidade, no estado de casada com o inventariante seu Constituinte, segundo o costume do reino, sendo por isto aquelle mieiro no casal; que a inventariada falleceu com o testamento que apresen- (fol. 3) ta e no qual instituiu sua herdeira universal da propriedade de seus bens a Maria Joaquina Duarte, solteira moradora no Largo da Graça numero cem, e o usufructo vitalicio dos mesmos bens ao seu constituinte o inventariante dito Manuel Elias; que não ha bens a conferir nem dividas passivas; que os bens do casal são mobiliarios e imobiliarios n'esta cidade, e finalmente que por agora nada mais tinha a declarar. E havendo o juiz estas declarações por tomadas, mandou para constar fazer este auto que assigna com o procurador do inventariante depois de lido primeiramente por mim Cesar Augusto Bello que o escrevi e assigno = João Rodrigues (fol. 3, v.) d'Azevedo = Alfredo Anibal de Mendonça Heitor = Cesar Augusto Bello.

Testamento a fls. 9

Livro quatro centos e tres folhas quarenta e uma = saibam quantos virem este testamento que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos noventa e quatro, no dia nove do mez de Dezembro n'esta Cidade de Lisboa, Largo da Graça, numero cem, primeiro andar freguesia de Santo André, aonde eu tabellião Carlos Augusto Scola vim, e aqui se achava presente doente de cama Francisca Joaquina Ferreira, maior, sui-juris, e n'esta casa moradora, pessoa, digo de cama Francisca Maria Pereira, maior sui-juris, e n'esta casa moradora, pessoa cuja identidde me é affirmada pelas seis testemunhas idoneas abaixo nomeadas e no fim assignadas, as quais bem como eu tabellião nos certificamos de ella estar em seu perfeito juizo e livre de toda e qualquer coacção. E por ella em presença das mesmas testemunhas foi dito que fazia o seu testamento e declarava a sua ultima vontade pelo modo seguinte: = Que é natural da freguesia de Enxara do Bispo, no concelho de Mafra, nascida no logar de Vila Franca do Rosario, que é filha de José Simões e de sua mulher Maria Pereira, já fallecidos; que é casada com Manuel Elias que antigamente se assignava Manuel (fol. 4, v.) Esteves, e que não tem filhos = Que em consequencia de não ter herdeiros necessarios, ascendentes nem descendentes, que por direito devão herdar seus bens, por isso por este testamento institue o dito seu marido Manuel Elias seu herdeiro usufructo da sua herança e da propriedade da mesma herança institue sua herdeira sua sobrinha Maria Joaquina Duarte, solteira e moradora em companhia della testadora, e só por morte de seu marido é que sua sobrinha tomará posse dos bens que constituiram a sua herança. Determina que seja conservada sua sobrinha Felismina Maria, em quanto viveu, digo quanto viver, e sem obrigação de pagar renda (fol. 5) na casa em que actualmente habita e que é propriedade da testadora. Para sua testamentaria e liquidataria nomeia a dita sua sobrinha Maria Joaquina Duarte. Que revoga e anulla por este todos os outros tes-

tamentos que anteriormente tinha feito para que só este valha. Que assim tem concluído este seu testamento a que focam testemunhas continuamente presentes, maiores, portuguezes, José Maria Ribeiro, casado, commerciante, morador na rua de Santa Justa, numero sessenta; José Gonçalves Vieitas, casado, caixeiro, morador às Escolas Gerais, numero quarenta e quatro, sobre-loja; José Joaquim de Bastos, casado, proprietário, morador na Calça (fol. 5, v.) da de Santo André, numero deseseis; José Braz Fernandes, casado, commerciante, morador no Largo de Santo André, numero vinte; Manuel Nunes Henriques, casado, commerciante, morador na Rua do Sol á Graga, numero trinta e cinco; e José Antonio de Castro, solteiro, commerciante, morador no Largo da Graça, numero cento e um, os quaes todos assignam com o seu nome por extenso este testamento, depois de ser por mim tabellião lido em voz alta na presença de todos por a testadora não saber ler, e me ordenar que o lesse e a seu rogo por tambem não saber escrever assigna a primeira testemunha. De como todas estas formalidades foram praticadas e cumpridas em actó continuo (fol. 6) dou fé eu Carlos Augusto Scola, Tabellião que o presente testamento escrevi e assigno em publico e raso. Ao doente vae ser pago o sello de dois mil reis, devido por este testamento, em estampilha que vai ser collada e inutilizada nos termos da lei. D'este e caminho dois mil e oitocentos reis. A rogo e por mandado da testadora por não saber escrever e como testemunha — José Maria Ribeiro = José Gonçalves Vieitas = José Joaquim de Bastos = José Braz Fernandes = Manuel Nunes Henriques = José Antonio de Castro — Lugar de uma estampilha do imposto do sello, importante em dois mil reis, devidamente inutilizada. Logar do signal Publico — Em testemunho de Verdade — Carlos Augusto Scola (fol. 6, v.) la. Lugar de duas estampilhas de contribuição industrial importantes em duzentos e dez reis devidamente inutilizadas. E eu Carlos Augusto Scola Tabellião que o presente fiz extrahir de minhas notas, subscrevo e assigno em publico e raso. Logar de signal Publico — Em testemunho de verdade — o Tabellião Carlos Augusto Scola. Registado n'esta Administração do primeiro Bairro de Lisboa a folhas uma do livro numero setenta e três do registo geral dos testamentos em quinze de Dezembro de mil oito centos noventa e quatro. O Administrador João Carlos Pessoa de Amorim — O Secretário — Ignacio Courado da Costa. Registo, termo, sello do livro, rubricas e conferencia = quatro mil e setecentos reis. Os sellos da contribuição industrial collados no respectivo livro. Lisboa dezoito de dezembro de mil oitocentos noventa e quatro. O Administrador — Logar de um sello da importancia de vinte reis, devidamente inutilizado com a assignatura de João Carlos Pessoa de Amorim, e data de — dezoito de Dezembro de mil oitocentos noventa e quatro.

Auto de publicação do testamento a fls. 11.

Auto de publicação de testamento com que falleceu Francisca Maria Pereira. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos noventa e quatro, aos onze dias do mez de Dezembro do dito anno, n'esta Cidade de Lisboa, Largo da Graça, numero cem, primeiro andar, aonde veio o respectivo rege- (fol. 7, v.) dor o cidadão Eugenio José Rodrigues, comigo José Adelino de Barros, secretario do seu cargo, por Manuel Elias foi apresentado o testamento que antecede com que pelas doze horas da noite de dez para onze do corrente mez e anno, falleceu n'esta casa a testadora sua mulher Francisca Maria Pereira, e passando logo à sua leitura, na presença das testemunhas ao diante mencionadas, não lhe encontrou cousa que duvida faça, tendo apenas entrelinhadas as palavras sobre-loja = na terceira pagina, achando-se estas resalvadas pelo tabellião Carlos Augusto Scola, em cujas notas foi escripto no dia nove tambem do corrente mez e anno. E para constar e ter os devidos e le- (fol. 8) gaes effeitos mandou o dito

regedor lavrar o presente auto a que foram testemunhas José Constantino dos Santos, casado, commerciante, morador no Largo da Graça, numero vinte e nove, primeiro andar, e João Maria Ribeiro, casado, amanuense e morador na Calçada do Monte, numero cento trinta e tres, segundo andar, que assignam com o mesmo regedor e mais a testemunha Francisco Portella dos Santos, solteiro, maior, caixeiro de commercio, e morador na Calçada de Santo André, numero cincoenta e tres, segundo andar, a rogo do apresentante, por este declarar que não sabe escrever, depois de lhes ser lido por mim Jose Adelino de Barros, secretario que o escrevi e tambem (fol. 8, v.) assigno. O Rgedor = Eugenio José Rodrigues = A rogo do apresentante Francisco dos Santos, alias — Francisco Portella dos Santos, Jose Constantino dos Santos, João Maria Ribeiro. O secretario Jose Adelino de Barros. Logar de um carimbo de tinta d'oleo com a seguinte legenda = Sello de verba — Lisboa = Pagou de sello, verba numero trinta e seis, a quantia de tres mil reis. Lisboa, recebedoria da quinta secção treze de Dezembro de mil oitocentos noventa e quatro. Azevedo-Costa. E dos mencionados autos mais se vê que para pagamento da meação da inventariada Dona Francisca Maria Pereira, que pertence em usufructo ao viuvo da mesma o inventariante Ma- (fol. 9) nuel Elias, e em propriedade á herdeira Dona Maria Joaquina Duarte a favor de quem se passou este titulo, lhe ficaram pertencendo os bens constantes das verbas seguintes: (fol. 9 a 20, v.) Verba n.º 5, Verba n.º 13, Verba n.º 20, Verba n.º 21, Verba n.º 22, Verba n.º 23, Verba n.º 44, Verba n.º 45, Verba n.º 46, Verba n.º 47, Verba n.º 48, Verba n.º 49, Verba n.º 50, Verba n.º 57, Verba n.º 58, Verba n.º 36 [Moveis, Pa-peis de credito e imobiliarios do L. da Graça]. Verba n.º 42, Verba n.º 43, Verba n.º 38, Verba n.º 41, Verba n.º 39, Verba n.º 40..., que pertenceram á dita herdeira Maria Joaquina Duarte. Somma — deseseis contos quatro centos setenta e cinco mil quatrocentos e quarenta reis = Leva a mais que repõe á meação do inventariante: trinta e tres mil seiscentos sessenta e quatro reis o total — Deseseis contos quatrocentos quarenta e um mil setecentos e setenta reis.

Auto de licitação.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos noventa e cinco, aos cinco de Abril, n'esta cidade de Lisboa e Tribunal Judiciario aonde se achava o Doutor João Rodrigues d'Azevedo, Juiz de Direito na sexta vara d'esta Comarca comigo, escrivão (fol. 21) do seu cargo; e sendo aqui presente o Doutor Delegado n'esta vara, ordenou o Juiz ao official de diligencias de semana Joaquim Jose Gomes, fizesse a chamada dos interessados no inventario entre maiores a que se procede por obito de Francisca Maria Pereira afim de terem logar as licitações requeridas e ordenadas no mesmo inventario, o que sendo por elle satisfeito deu sua fé achar-se presente por parte do inventariante e herdeiro a seu procurador Alfredo Anibal de Mendonça Hitor, e logo o Juiz ordenou ao mesmo official, declarasse aberta a praça para as mesmas licitações entre os herdeiros, o que elle cumpriu; e passado tempo declarou que (fol. 21, v.) o procurador da herdeira havia lançado para esta afim de no aformulado na meação da inventariada de que é usufructurio o inventariante e ella proprietaria, nos moveis descriptos nas verbas numeros cinco, treze, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e tres, quarenta e quatro, quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove, cincoenta, cincoenta e um, cincoenta e dois, cincoenta e tres, cincoenta e quatro, cincoenta e cinco, cincoenta e seis, cincoenta e sete e cincoenta e oito, com mais vinte reis em cada uma d'ellas, alem da sua avaliação, e no immobiliario descripto na verba (fol. 22) numero trinta e seis com mais vinte reis alem da sua avaliação. E não havendo mais licitação alguma, houve o Juiz este acto por findo, e para constar se fez este auto que vae ser assignado, lido por

mim Cesar Augusto Bello que o escrevi e assigno. Está collada uma estampilha do valor de mil reis, devidamente inutilisada com a data de cinco de Abril de mil oitocentos noventa e cinco e cinco, e as assignaturas de — João Rodrigues d'Azevedo = Fernando Matoso = Alfredo Anibal de Mendonça Heitor = Joaquim José Gomes = Cesar Augusto Bello. Nada mais continha e supra fica transcripto, e nos mesmos em (fol. 22, v.) autos a folhas oitenta e nove se acha o seguinte:

Pagamento [até fol. 24].

Pagamento de contribuição de registo [até fol. 25].

Sentença.

Julgo por sentença a que se procedeu n'este inventario por obito de Dona Francisca Pereira, e para que a mesma produza todos os seu effectos lhe interponho a minha authoridade e judicial decreto. Deixo aos interessados o direito salvo contra qualquer erro ou lesão, que na partilha possa ter havido, e paguem os mesmos as custas na proporção, do que recebem. Lisboa seis de maio de mil oitocentos noventa e cinco = João Rodrigues d'Azevedo. Nada mais continha a dita sentença que acima fica (fol. 25, v.) transcripta; e dos mesmos autos a folhas cento e vinte e duas se vê o seguinte:

Petição

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor — Diz Maria Joaquina Duarte auctorisada por seu marido José da Costa, que do inventario dos bens deixado por Dona Francisca Maria Pereira, a que se procedeu n'esta Vara e Cartorio hoje a cargo do Sr. Nunes se extrahiu e lhe foi entregue seu respectivo formal de partilhas. Acontece porem que este titulo se extraviou, e que d'elle carece para poder registar em seu nome a transmissão de um predio que no mesmo inventario lhe ficou pertencendo. Por tanto, a Supplicante vem requerer a Vossa Excellencia que se lhe dê novo formal, que possa ser- (fol. 26) vir-lhe para titulo e posse de uns bens em substituição do que perdeu, e cuja perda poderá jurar se tanto necessario fôr. Pede a Vossa Excellencia deferimento. E Receberá mercê. O Sollicitador — Alfredo Anibal de Mendonça Heitor. Despacho = Nos autos. Lisboa trinta e um de janeiro de mil e novecentos. Veiga. Não contem mais cousa alguma a petição e despacho que retro e supra ficam transcriptos, e dos mesmos autos a. folhas cento e vinte e três verso, se vê o seguinte:

Despacho

Passe — Data sobr.* (um de fevereiro de mil e novecentos). Veiga. — Não contem mais cousa alguma o dito despacho do que o que fielmente fica transcripto; e por virtude delle se passou o presente for- (fol. 26, v.) formal pelo qual Mando a todas as Minhas Justicas em geral e em especial aquellas a quem o seu cumprimento for requerido que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar como n'ella se contem.

Cumprimento

E em seu cumprimento será dada posse a co-herdeira Maria Joaquina Duarte, de todos os bens constantes do pagamento que n'esta retro vae transcripto, registada que seja a sua transmissão na respectiva conservatoria, lavrando-se em seguida a este os autos que precisos forem, ficando o presente substituindo o formal que em tempo lhe foi passado, o qual fica sem effecto caso appareça, obser-

vando-se todas as formalidades lega- (fol. 27) is. Declara-se para os fins convenientes que a sentença que julgou a partilha depois de devidamente intimada transitou em julgado. O que cumpram.

Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Carlos que Deus guarde assim o mandou pelo Doutor Francisco Maria Veiga, Juiz de Direito da Sexta Vara da Comarca de Lisboa, por quem a presente vae assignada, depois de sobrescripta e rubricada por Celestino Augusto Nunes escrivão do segundo officio d'esta mesma Comarca. Esta vai authenticada com a assignatura do Conselheiro Juiz Presidente da Relação, revista pelo respectivo revedor, e sellada com o sello branco da chancellaria da secretaria (fol. 27, v.) do refferido Tribunal da Relação por onde esta vae ser transitada. D'esta e papel sellado, o que fôr contado á margem pelo respectivo contador.

Dada e passada n'esta Cidade de Lisboa aos seis dias do mez de Fevereiro do ano de mil e novecentos. E eu Celestino Augusto Nunes escrivão que o subcrevi e assignei.

a) Francisco Maria Veiga.

Assig.^{ra} 600 reis.

O Cons.^{ro} Vice-Presidente.

a) Eduardo de Serpa Pimentel [sobre duas estampilhas de contribuição industrial, uma de 40 reis e outra de 5 reis].

Revista pagou tresentos reis. Lisboa, 16 de Fevereiro de 1900. O revedor [assignatura ilegivel sobre duas estampilhas de contribuição industrial, uma de 20 reis outra de 2 reis].

[A' Margem, ao alto: a conta].

[A Margem, a meio, o selo branco da Relação Lisboa, com as armas reaes].

Telef. 2 0244

Teleg. Papelcar

PAPELARIA

CARLOS

de CARLOS FERREIRA, L.^{DA}

34, Rua do Ouro, 38

L I S B O A

Secções de valores

selados e tabacaria

Especialidade em livros para
escrituração comercial

Grande sortido de artigos para
desenho e escritório

Obras oferecidas para a Biblioteca do Grupo «Amigos de Lisboa»

pelos seguintes senhores e entidades :

MANUEL CHAVES CAMINHA

- N.ºs 1801 — *Relatório e Contas da Gerência de 1938 da Associação «Inválidos do Comércio»* (1939).
- » 1802 — *Traços Biográficos sobre a vida do Sport Club Progresso.*
 - » 1803 — *Viagem n.º 6* (Revista). (1939).
 - » 2093 — *Boletim da Associação de Socorros Mútuos na Inhabilidade*, n.º 14 (1937).
 - » 2094 — *Prospecto da Quinta dos Canais — Alto Douro.*
 - » 2095 — *Vários desenhos.*

RAMIRO BARROS E SILVA

- » 1804 / 1806 / 870 / 71 / 72 / 73 / 74 / 1929 / 30 / 31 / 32 / 33 / 34 / 2081 / 135 / 228 / 229 / 273 / 277 / 289 / 331 / 332 / 404 / 405 / 406 / 419 / 422 / 563 / 64 / 595 / 96 / 608 / 609 / 630 / 31 / 649 / 650 / 671 — *Imprensa Médica*, n.ºs 13 a 24 (1941), 1 a 24 (1942), 1 a 3 (1943).

AUGUSTO CUNHA

- » 1807 / 880 / 951 / 52 / 2080 / 221 / 282 / 370 / 423 / 424 / 558 / 574 / 605 / 606 — *O Mundo Português*, n.ºs 92 a 108 (1941/1942).

ENFERMEIRO-MOR DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

N.º 1808 / 921 / 379 / 425 / 426 — *Boletim Clínico e de Estatística dos Hospitais Civis de Lisboa*, n.ºs 11, 12, 13, 14, 15 (1941/1942).

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

- » 1809/2223/378/604 — *Revista Municipal*, n.ºs 7, 8/9, 10, 11/12 (1941/1942).
- » 1937 — *Rafael Bordalo Pinheiro e os Jornalistas (7.ª Exposição do Museu Rafael Bordalo Pinheiro)* (1941).
- » 1972 — *Contas da Gerência do ano económico de 1940* (1941).
- » 1973 — *O Carmo e a Trindade*, III vol., por *Gustavo de Matos Sequeira* (1941).
- » 1974 — *Anais do Município de Lisboa (1940)* (1941).
- » 1975 — *Guia Turística de Lisboa* (1941).
- » 1976/2352/2567 — *Lisboa de Lés-a-lés*, II, III e IV vols., por *Luiz Pastor de Macedo* (1941/1942).
- » 1977 — *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, II vol., por *A. Vieira da Silva* (1941).
- » 1984 — *Elementos para o Estudo do Plano de Urbanização da Cidade de Lisboa* (1938).
- » 1985 — *Elementos para o Estudo do Plano de Urbanização da Cidade de Lisboa (Plantas)* (1938).
- » 2283 — *A Ribeira de Lisboa*, 3.º vol., por *Júlio de Castilho* (1942).
- » 2353 — *Lisboa, Capital de Portugal*, pelo *Dr. A. Celestino da Costa* (1942).
- » 2354 — *Tomada de Lisboa aos Mouros*, pelo *Dr. Agostinho de Campos* (1940).
- » 2368/69 — *Marcas de nivelamento da Cidade de Lisboa*, por *Vitor Hugo de Lemos* (1941).

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA A CIDADE DE LISBOA

- » 1810/2225/377/427 — *Boletim da Comissão de Fiscalização das obras de Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa*, n.ºs 18, 19, 20, 21 (1941/1942).

BANDEIRA DE TÓRO

- » 1811 — *A Hora — jornal ilustrado*, n.º 90 (1940).

UNIAO DE GRÉMIOS DE LOJISTAS DE LISBOA

- » 1812 / 13 / 828 / 927 / 928 / 987 / 2201 / 230 / 334 / 401 / 559 / 598 /

AO PEDIR
ÁGUA MINERAL
PÉÇA



LEVÊ, ESTOMACAL, LÍMPIDA

Efeitos imediatos na digestão



À venda em tôda a parte

PARA

mobiliar

decorar

UMA CASA

consulte o nosso decorador

**MOBÍLIAS
MODERNAS**

e em estilos clássicos

Companhia **ALCOBIA**

Rua Ivens, 14 Rua Capêlo, 1 a 9

Facilidades de
pagamento

NOVIDADE LITERÁRIA
ULISSIPONENSE:

O SR. SAUDADES

(LISBOA 1900)

por RAÚL DE LACERDA

Evocação de Lisboa de há 50 anos:

Os pregões (musicados), os dramalhões do «Príncipe Real», as Esperas de Toiros, as tipoias e as «iscas», as mulheres, as «cottes» do Entrudo, o «Arreda», etc. etc.

10\$00

EDIÇÃO DA
Parceria António Maria Pereira

“HIS MASTER'S VOICE”



Rádio

não é mais caro,
é melhor



EST. Valentim de Carvalho

RUA NOVA DO ALMADA, 97

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO



Capital Acções 7.000.000\$00

SEDE EM LISBOA

Especialidade em papéis para escrever, correspondência e livros comerciais; impressão manilhas, etc. Papéis de côres para capas e para embrulho «KRAFT» e ordinários. Papéis affixes em côr e riscados. Cartolinas. Cartões finos. Cartão-palha. Almagos. Leornes, Mezenas, etc.

Proprietária das Fábricas do Prado, Marianaia Sobreirinho (Tomar), Penedo, Casal d'Ermio (Louzã) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha)

Instalada para uma produção anual de oito milhões de kilos de papel e dispendo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a indústria

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

Rua dos Fanqueiros, 270 a 278

L I S B O A

Rua Passos Manuel, 49 a 51

P O R T O

ENDEREÇOS TELEGRÁFICOS:

LISBOA: Pelprado — Lisboa

PORTO: Pelprado — Porto

TELEFONES:

LISBOA: { Direcção: 2 3623

{ Escritório: 2 2331

{ Armazém: 2 2332

{ Estado: 188

PORTO: 117

CORREIO:

Apartado Caixa n.º 19

Esta revista é impressa em papel da "Companhia do Papel do Prado"

- N.ºs 601 / 629 — *Boletim da União de Grémios dos Lojistas de Lisboa*, n.ºs 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15/16, 17, 18/20, 21, 22/23, 24 (1942).

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

- » 1814 / 823 / 829 / 29-A / 29-B / 878 / 2091 / 231 / 260 / 299 / 394 / 95 / 418 / 565 / 570 / 597 / 602 / 603 — *Indústria Portuguesa* n.ºs 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172 / 173 / 174 / 175 / 176 / 177 / 178, 179 (1941/1942).

GASPAR MARIA LEAL GOMES P. CABRAL

- » 1815 / 816 / 830 / 947 / 48 / 49 / 50 / 2134 / 220 / 285 / 328 / 366 / 367 / 449 / 569 / 607 / 625 / 674 / 675 — *Brotéria*, fasc. 1 a 6 (1941), vol. XXXIII; 1 a 6 (1942), vol. XXXIV; 1 a 6 (1942), vol. XXXV; 1 a 6 (1943), vol. XXXVI.

INSTITUTO DE CULTURA ITALIANA EM PORTUGAL

- » 1817 / 920 / 330 / 669 — *Estudos Italianos em Portugal*, n.ºs 4, 5, 6, 7/8 (1941/43).
» 1990 — *Portogallo e Roma*, por A. A. Bernardy (1941).

ANACLETO BERNARDINO DE MIRANDA

- » 1818 / 944 / 2079 / 286 — *Acção Médica*, fasc. XXI, XXII, XXIII, XXIV (1941).

REVISTA PORTUCALE

- » 1819 — *Anuário dos Escritores* (1941).

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

- » 1820 — *Habla Salazar — Alguns extractos de seus discursos y notas officiosas* (1941).
» 1833 — *As Filigranas*, por Luiz Chaves (1941).
» 1935 — *Portugal 1940* (1940).
» 1936 — *L'Essor Colonial Portugais (conférence)*, por Fernando Emydio da Silva (1941).
» 1991 — *Paisagem e Monumentos de Portugal*, por Luiz Reis Santos e Carlos Queirós (1940).
» 2082/374/75/76 — *Panorama — Revista de Artes e Turismo*, n.ºs 5/6, 7, 8, 9 (1942).

N.º 2324 — *Jornal do Atlântico*, n.º 1 (1942).

» 2325/591 — *Atlântico* — *Revista Luso-Brasileira*, n.º 1, 2 (1942).

» 2373 — *O Pensamento de Salazar* — *Defesa económica* — *Defesa moral* — *Defesa política* (1942).

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DOS EMPREGADOS
NO COMERCIO DE LISBOA

» 1821 — *Setenta anos de vida activa* (1942).

LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

» 1822/918 — *Relatório das suas Gerências de 1940/1941* (1941/1942).

DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

» 1824 / 922 / 2561 / 626 — *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.ºs 23, 24, 25/26, 27 (1941/1942).

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS

» 1825 / 26 / 27 — *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, n.ºs 1, 2, 3 (1941).

» 1945 — *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas* — *Número especial comemorativo do tricentenário da «Gazeta»* (1941).

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA
(Câmara de Comércio)

» 1831 — *Comércio Português* — *Revista da Associação Comercial de Lisboa*, n.ºs 8/9 (1941).

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA
(Sidónio Miguel)

» 1832 — *Diálogos fáceis sobre a Economia Corporativa, Moral e Humana*, pelo oferente (1941).

» 1967 — *Palimpsestos*, pelo oferente (1930).

» 1968 — *Cítara de Três Cordas*, pelo oferente (1928).

» 1969 — *Poemas da Serenidade*, pelo oferente (1929).

» 1970 — *Sonetos*, pelo oferente (1927).

» 1983 — *Palestra dita na Igreja de S. Tiago, Quartel dos Lóios e residência*

do sr. Augusto Rocha, mestre do antigo Seminário de Santa Catarina, em 14/4/1941, pelo oferente.

- N.º 2130 — *Últimos sonetos*, pelo oferente (1942).
 » 2183 — *A Procissão de Santo António em 1895*. Palestra realizada na sede do Grupo «Amigos de Lisboa» em 22/5/1941, pelo oferente.
 » 2208 — *Igrejas de Alfama*, pelo oferente (1942).
 » 2275 — *O Galinheiro de S. Carlos* (Palestra feita na sede do Grupo «Amigos de Lisboa» em 16/4/1942), pelo oferente
 » 2288 — *Quatro Epístolas — A vária gente sobre a organização corporativa da Nação*, pelo oferente (1942).
 » 2400 — *S. João da Praça há 45 anos* (Extracto da conferência ao ar livre feita no Largo S. João da Praça em 20/7/1942, pelo oferente.

DA REDACÇÃO

- » 1834/942/943/2224/276/560/627 — *Gil Vicente*, n.º 7/8, 9/10, 11/12 (1941), 1/2, 3/4, 7/8, 11/12 (1942).

ENG. AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

- » 1835 — *Guia do Turista em Lisboa* (1935).
 » 1986 — *O Matadouro Municipal de Lisboa*, por Joaquim Sabino Eleutério de Sousa (1878).

EDIÇÕES DO GRUPO E OBRAS ADQUIRIDAS

- » 1836 / 37 / 838 / 39 / 840 / 41 / 842 / 43 / 844 / 45 / 846 / 47 / 848 / 49 / 850 / 51 / 852 / 53 / 854 / 855 / 856 / 57 / 858 / 59 / 860 / 61 / 862 / 63 / 864 / 65 / 866 / 867 / 68 / 869 — *Ilustração Portuguesa* (Revista Semanal dos Acontecimentos da Vida Portuguesa), n.º 1 e 2 (1906), n.º 1 e 2 (1907), n.º 1 e 2 (1908), n.º 1 e 2 (1909), n.º 1 e 2 (1910), n.º 1 e 2 (1911), n.º 1 e 2 (1912), n.º 1 e 2 (1913), n.º 1 e 2 (1914), n.º 1 e 2 (1915), n.º 2 (1916), n.º 1 e 2 (1917), n.º 1 e 2 (1918), n.º 1 e 2 (1919), n.º 1 e 2 (1920), n.º 1 e 2 (1921), n.º 1 (1922), n.º 1 e 2 (1923), n.º 1 (1924).
 » 1875/76 — *Repertorio Geral ou Indice Alfabético das Leis Extragentes do Reino de Portugal*, por Manuel Fernandes Tomaz. Tomos 1.º e 2.º (1819).
 » 1877 — *Repertorio Geral ou Indice Alfabético e Remissivo de Toda a Legislação Portuguesa*, por José Justino de Andrade e Silva. Vol. I — A. G. (1850).
 » 1882/83/84/85/86/87 — *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz de Sousa. Vols. 1 a 6.
 » 1888 a 1897 — *Olisipo* n.º 16 — 1957 a 1966 — *Olisipo* n.º 17 — 2261 a 2270 —

Olisipo n.º 18 — 2408 a 2417 — *Olisipo* n.º 19 — 2439 a 2448 — *Olisipo* n.º 20 — 2677 a 2686 — *Olisipo* n.º 21 (1941/1942).

- N.º 1898 a 1907 — *Opúsculos*, por A. Herculano, Tomos I a X (1907/1908).
- » 1908 — *Páginas Corporativas*, por Fernando Campos (1941).
 - » 1992 a 2001 — *A Igreja do Menino de Deus*, pelo Arq. António Couto (1941).
 - » 2002 — *Planta de Lisboa*, pelo Eng. Duarte José Java (1807).
 - » 2005 a 2009 — *Pequena Monografia de S. Vicente* (Edição especial), por Norberto de Araújo.
 - » 2010 a 2046 — *História da Literatura Portuguesa*, fasc. 1 a 36.
 - » 2084 — *Emblema do Grupo «Amigos de Lisboa»* (1936).
 - » 2085 a 2090 — *Fotografias tiradas no Palácio Fronteira e na Quinta de S. Vicente* (1941).
 - » 2096 — *Mapa da Freguesia da Sé*.
 - » 2097 a 2102 — *Programa da Festa da Noite de Evocação do Leão de Ouro* (1937).
 - » 2131/132 — *A Irmandade de S. Lucas*, por F. A. Garcez Teixeira (Edição especial) (1941).
 - » 2144 a 2160 — *O Panorama* (Jornal Literário e Instrutivo) N.º 1 a 15 e 17 a 18 (1837).
 - » 2163 — *Coisas de Theatro*, por S. Bastos (1895).
 - » 2164 — *Memórias de uma actriz*, por Mercedes Blasco (1907).
 - » 2165 — *Scenas Contemporaneas* (com uma carta-prólogo por José Maria Latino Coelho), por Cláudio José Nunes (1873).
 - » 2166 — *Lisboa Antiga e Lisboa Moderna (Elementos Historicos da sua Evolução)*, por Angelina Vidal (1900).
 - » 2167 — *O Dia de S. João na Penha de França* (Apontamentos) (1854).
 - » 2168 a 2182 — *Famílias de Portugal*, por Jacinto Leitão Manso de Lima (15 vols.).
 - » 2184 a 2200 — «*Serões*» (Revista mensal illustrada). N.º 1 a 4 (1901/1903), n.º 1 a 13 (1905/1911).
 - » 2202 a 2203 — *Registo da Freguesia da Sé desde 1563 até 1610* (1927).
 - » 2204/205/206 — *Synopse dos Actos Administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1835/1840/1852* (1836/1841/1853).
 - » 2207 — *O Município de Lisboa e as casas da sua Camara*, por Picotas Falcão (1902).
 - » 2232 — *Apontamentos para o elogio historico do Ill.º e Ex.º Snr. Ignacio de Vilhena Barbosa lidos na sessão solemne da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses em 10 de Maio de 1891*, por Júlio de Castilho (1891).
 - » 2233 — *Manuel da Maya e os Engenheiros militares portuguezes no Terremoto de 1755*, por Christovam Ayres (1910).
 - » 2234/35 — *A Semana* (Jornal Literário), n.º 1 e 2 (1850/51).
 - » 2236 — *Costados das Famílias Ilustres de Portugal, Algarves, Ilhas e In-*

dias, obra que a *El-Rei Fidelissimo*, o muito alto e poderoso Senhor D. Miguel I, oferece o seu Autor: José Barbosa Canaes de Figueiredo Castelo Branco (1930).

- N.º 2237 — *Tombo da Cidade de Lisboa de 1755*, n.º 1/4.
- » 2297 — *Subsidios para um Dictionario de Pseudonymos — Iniciais e Obras Anonymas de Escriitores Portugueses*, por Martinho Augusta da Fonseca (1896).
- » 2298 — *Álbum com 60 fotografias*.
- » 2335 — *Projecto para a construção do Parque da Avenida da Liberdade em 1901* (1901).
- » 2336 — *Parque da Liberdade* (1901).
- » 2337 a 2346 — *A Ponte de Alcântara e suas circunvizinhanças*, pelo Eng. A. Vieira da Silva (1942).
- » 2355 — *Portugal enfêrmo por vícios, e abusos de ambos os sexos (Dedicado ao senhor José Luiz Guerner, cônsul de S. M. Siciliana)*, por José Daniel Rodrigues da Costa (1829).
- » 2356 — *A Obra dos Paços do Concelho (Defesa do Architecto da Câmara Municipal de Lisboa, Domingos Parente da Silva, autor dos planos e director da construção dos novos Paços do Concelho)* (1874).
- » 2403 — *Revista da Imprensa Portuguesa*, n.º 1 (1942).
- » 2407 — *Recortes de Jornais — «Os Amigos de Lisboa e a Imprensa»* (1938/1942).
- » 2568/577/623/634/670 — *Revista de Portugal*, vol. I, n.º 1, 2, 3, 4, 5 (1942/1943).
- » 2571 — *Fotografias de Coches*.
- » 2572 — *Nobiliarchia Portuguesa* por Manuel António Monteiro de Campos (1754).
- » 2573 — *Boémia Antiga*, por Thomaz de Melo (1897).
- » 2575 — *Relatório apresentado a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas pela Comissão nomeada em 25 de Novembro de 1864 para tratar da erecção do Monumento à memória de Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro IV* (1868).
- » 2576 — *Álbum com fotografias daquele monumento* (1868).
- » 2592/93 — *Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa*, pelo Eng. A. Vieira da Silva (1942).
- » 2594 — *Synopse dos Principais actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa durante a sua gerencia em 1852* (1853).
- » 2599/600 — *Elucidario Nobiliarchico*, 1.º e 2.º vols. (1928).
- » 2651 — *Os Theatros de Lisboa*, por Júlio César Machado (1875).
- » 2652 — *Valle de Alcantara — sua importancia no movimento ordinario e accelerado de Lisboa*, por Miguel Carlos Correia Pais (1881).
- » 2653 — *Resumo Historico da origem da «Ermida de S. Roque» e da sua irmandade da Cidade de Lisboa* (1869).

- N.º 2654 — *O Palácio de Palhavan*, por Santos Farinha (1923).
- » 2655 — *A Quinta de Diogo de Mendonça no sítio da Junqueira*, por Artur Lamas (1924).
- » 2656 — *A Rua da Junqueira*, por Artur Lamas (1922).
- » 2657 — *O Início da Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos (1504/1565)*, pelo Dr. Sebastião Costa Santos (1925).
- » 2658 — *Lisboa Preistorica, II*, por Virgílio Correia (1912).
- » 2659 — *Monumentos Sacros de Lisboa e outras curiosidades*, por Sebastião Joaquim Baçam (1910).
- » 2660 — *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*, por Luiz Gonzaga Pereira (1927).
- » 2661 — *Subsídios para a história de Arte Portuguesa, II — algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1921).
- » 2662 — *O Arquivo do Hospital de S. José*, pelo Dr. Costa Santos (1920).
- » 2663 — *A Imprensa Nacional de Lisboa — Apontamentos e subsídios para a sua história, 1768/1912*, por José Vitorina Ribeiro (1912).
- » 2664 — *A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos, 1565/1775*, pelo Dr. Sebastião Costa Santos (1925).
- » 2666 — *Lisboa à voil D'oiseau — carta a Sara Bernhardt* (1882).
- » 2667 — *Itinerário Lisbonense ou Directório Geral de tôdas as Ruas, Travessas, Becos, Calçadas, Praças, etc., que se compreende no recinto da Cidade de Lisboa com os seus próprios nomes, principio e termo indicados dos lugares mais conhecidos e gerais para a utilidade uso e comodidade dos estrangeiros e nacionais* (1804).
- » 2694 — *Livro de entrada e saída das Irmãs desta caza — Anno de 1701, Servindo de Provedor, o Conde de Assumar S. João de Almeida*.
- » 2695 — *Livro de Registo de Varias Coizas do Recolhimento feito no anno de 1769*.
- » 2696 — *Livro da Receita e Despesa do thr.º da Casa Pia deste anno de 1630*.
- » 2697 — *Livro dos treslados dos Padroens dos juro do Recolhimento, e Escriitura da compra das cazas em que está, cujos originaes estão recolhidos no Cartorio*.
- » 2698 — *Livro da Receita e despesa do Thez.º da Casa Pia deste anno de 1631*.
- » 2699 — *Livro da Receita e despesa da Casa Pia das convertidas do anno de 1639*.
- » 2700 — *Livro da Receita e Despesa da Casa Pia das convertidas deste anno de 1651*.

DR. JOSÉ CASSIANO NEVES

- » 1879 — *Jardins e Palácios dos Marquesses de Fronteira*, pelo oferente (1941).

CORONEL LUÍS TEIXEIRA DE VASCONCELOS

N.º 1881 — *Oeiras de ontem, de hoje e de amanhã*, pelo oferente (1941).

JORGE HUGO PIRES DE LIMA

- » 1909 — *Propriedades de Santa Cruz de Coimbra em Lisboa no século XII*, pelo oferente (1941).

SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
E COMUNICAÇÕES

- » 1910 — *Relatório e Contas sôbre a Gerência do ano económico de 1939 da Administração dos Portos do Douro e Leixões* (1941).
- » 1919 — *Relatório referente ao ano de 1940, da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro* (1941).

SECRETARIA DE ESTADO DA REPÚBLICA DOMINICANA

- » 1911 — *Revista Militar (Orgam del Ejercito Nacional, n.º 63/65)* (1941).

JOÃO MARIA FERREIRA

- » 1912 — *No Fonte de Hipocrene*, por Otávio Rodrigues de Campos (1941).
- » 1913 — *Poesia*, por José Maria Pemán (1923/1937).
- » 1914 — *Confidências dum rapaz provinciano «com uma carta de opinião crítica por António Botto, por Azinhal Abelho* (1936).
- » 1915 — *O Milagre da Grécia*, por Atticus (2.ª edição) (1941).
- » 1916 — *Solidão... Ai dão... Ai dão*, por Azinhal Abelho (1935).
- » 1917 — *Oaristos — Horas — Silva* (Obras poéticas de Eugénio de Castro), por Eugénio de Castro. Vol. I (1927).
- » 1939 — *Da Janela do meu quarto*, pelo oferente (1941).
- » 2161 — *Versos do Meu Ocaso*, pelo oferente (1942).
- » 2255 — *Os Lusíadas de Camões* (trechos escolhidos), pelo oferente (1941).
- » 2256 — *Ara*, por António Corrêa d'Oliveira (1904).
- » 2257 — *Estilos Artísticos (apontamentos para o ensino Técnico-Profissional — Desenhos e adaptação de Vasco de Lucena)*, por Armando de Lucena (1939).
- » 2258 — *A Escalada da Sombra*, por Jorge Condeixa (1936).
- » 2259 — *A Onda e a Seara*, por Jorge Condeixa (1938).
- » 2290 — *Florilégio*, pelo oferente (1919).
- » 2291 — *Príncipe de Martirio*, pelo oferente (1909).
- » 2292 a 2294 — *Bíblia Sagrada*, pelo Rev. Santos Farihna (1902).
- » 2300 — *São Francisco de Assis*, pelo Padre José de Castro (1926).

- N.ºs 2301 — *Carlos Reis — Catálogo da 1.ª Exposição póstuma de alguns dos seus mais notáveis trabalhos* (1942).
- » 2302 — *Última flama*, por *Ruben de Lara* (1941).
- » 2303 — *Tripeiros da Gêma*, por *Mário Pôrto Carrero Casimiro* (1942).
- » 2304 — *A História da Bíblia*, por *Hendrik Willem von Loon* (tradução de *Monteiro Lobato*) (1940).
- » 2305 — *O Fado-canção dos vencidos*, por *Luiz Moita* (1936).
- » 2306 — *Actividade Dramática de Gil Vicente — Biblioteca Cosmos, n.º 9*, por *Marques Braga*.
- » 2307 — *Prometeu agrilhoado — Biblioteca Cosmos, n.º 12*, por *Eduardo Scarlatti*.
- » 2308 — *Nove de Abril*, por *António Botto*.
- » 2357 — *A China Antiga e Moderna — Biblioteca Cosmos, n.º 5*, por *José de Freitas* (1941).
- » 2358 — *A Vida e a Obra de Darwin — Biblioteca Cosmos, n.º 6*, por *Alberto Candeias* (1941).
- » 2359 — *O sr. Tompkins no País das Maravilhas — Biblioteca Cosmos, n.º 14*, por *G. Gamow* (1942).
- » 2360 — *Micaela*, por *Arminda Fortes* (1940).
- » 2361 — *Rua do Siriry*, por *Armando Fontes* (1937).
- » 2362 — *Pão e Amor*, por *Knut Hamsun* (1942).
- » 2363 — *Catálogo da XXXIX Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura, realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes* (1942).
- » 2364 — *Catálogo da Exposição de Pintura Mário Reis na S. N. B. A.* (1942).
- » 2365 — *Columbano (Ensaio Biográfico e Crítico)*, por *Luiz Varela Aldemira* (1941).
- » 2371 — *Natal Português*, por *Luiz Chaves* (1942).
- » 2372 — *O Islão na Índia*, por *Eduardo Dias* (1942).
- » 2429/30 — *Conceitos Fundamentais da Matemática — Biblioteca Cosmos, n.ºs 2 e 18 — Vols. 1.º e 2.º*, por *Bento de Jesus Carraça* (1941).
- » 2431 — *Machado Castro — Biblioteca Cosmos, n.º 13*, por *Manuel Mendes* (1942).
- » 2432 — *Duplo Passeio*, por *Teixeira de Pascoais* (1942).
- » 2433 — *Justiça!*, por *Ladislau Reymont* (1942).
- » 2434 — *Sòzinha*, por *Sarah Beirão* (1941).
- » 2435 — *Poesias escolhidas*, por *Gomes Leal*.
- » 2436 — *Passagem de nível*, por *Sidónio Muralha* (1942).
- » 2437 — *Inventário de Junho*, por *M. Teixeira Gomes* (1933).
- » 2438 — *Carlos Reis*, por *Artur Gonçalves e Gustavo de Bivar Pinto Lopes* (1942).
- » 2450/51/52/53/54 — *Vida de Cristo*, vols. 1 a 5, pelo *Padre J. Alves Terças* (1933).
- » 2455 — *História Maravilhosa de Madame Curie*, por *Gentil Marques* (1942).

- N.^{os} 2456 — *A mulher que não chegou a perder-se*, por Cunha e Sá (1942).
 » 2457 — *Arrancada Heróica!*, por Artur Tojal (1942).
 » 2458 — *A Mensagem de S. Paulo aos Novos*, por Clotilde Mateus (1942).
 » 2459 — *Poetisas Equatorianas*, por Victor M. Rendón (1942).
 » 2460 — ... *No Rodar da Vida*, por A. Campos Grande (1942).
 » 2557 — *Sanderson e a Escola de Qundle*, por Agostinho da Silva (1941).
 » 2566 — *Ao microfone* (palestras) por Mário Portocarrero Casimiro (1942).
 » 2578 — *De mãos postas*, por Celeste Harrisson (1942).
 » 2579 — *O Santo Sacrifício (Conferências Doutrinárias)*, por J. Lahitton (1936).
 » 2580 — *Glicínias*, por Bernardette de Castro Faria (Maria Camélia) (1942).
 » 2581 — *A Tragédia Biológica da mulher*, por A. W. Nemilow.
 » 2582 — *Carne da minha carne*, por Hellen Grace Carlisle.
 » 2583 — *O Grande Cagliostro*, por Carlos Malheiro Dias.
 » 2584 — *Pureza e Sensualismo*, por M. Trindade de Salgueiro.
 » 2585 — *Fernão de Magalhães*, por D. Luiz Pimentel de Vabo.
 » 2586 — *Mistérios e Luz*, por Maurício Guéchet (1936).
 » 2587 — *Catálogo da Exposição de Arte Francesa Contemporânea* (1942).
 » 2588/89/90 — *Catecismo Católico Popular* — 1.^a, 2.^a e 3.^a partes, 3 vols., por Francisco Spirago (1938).
 » 2632 — *As quatro vozes*, por Rabindranath Tagore (1942).
 » 2633 — *Viriato Trágico* (adaptação em prosa do poema de Braz Garcia de Mascarenhas), por João de Barros (1940).
 » 2634 — *Os Lusíadas de Luiz de Camões, contados às crianças e lembrados ao povo*, por João de Barros (1940).
 » 2635 — *O Ciúme*, por Armida Fortes (1942).
 » 2636 — *1640, Richelieu e o Duque de Bragança*, por Rodrigues Cavalheiro (1942).
 » 2637 — *João Fané — Banquista*, por Raimundo Esteves (1942).
 » 2638 — *A língua, vínculo eterno...* (Lição inaugural do ano lectivo de 1942/1943 na Escola Central de Sargentos, em 20 de Outubro de 1942), pelo Capitão Nuno de Morais Beja (1942).
 » 2639 — *Crónica do Condestável de Portugal*, adaptação de Jaime Cortezão (1937).
 » 2640 — *O escritor Gaspar Baltazar*, por A. Garibaldi (1942).
 » 2641 — *Poetas do Cancioneiro* (Clássicos Portugueses — Trechos escolhidos), por Álvaro Júlio da Costa Pimpão (1942).
 » 2642 — *Quando o sol desfaz a bruma...*, por Estefânia Cabreira (1942).
 » 2643 — *A odisseia (aventuras de Ulisses, herói e navegador da Grécia antiga)*, por João de Barros (1934).
 » 2644/45/46 — *Lições de Doutrina Católica* — 1.^a, 2.^a e 3.^a partes — *O credo, Os mandamentos, e Os sacramentos*, pelo P. J. Lourenço (1931).
 » 2647 — *Traços de agora*, por Maria Elisa (1933).
 » 2648 — *Um homem «Século XX»*, por João Paulo Freire (Mário) (1942).

DR. CARLOS DE ARRUDA FURTADO

N.º 1923 — *Sobre Cemitérios*, pelo oferente (1941).

LUÍS VARELA ALDEMIRA

» 1924 — *Columbano* (Ensaio Biográfico e Crítico), pelo oferente (1941).

SINDICATO NACIONAL DOS TIPOGRAFOS, LITÓGRAFOS E OFÍCIOS
CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA

» 1925 — *Jornais 1941 no Tricentenário da «Gazeta»* (1941).

BIBLIOTECA NACIONAL

» 1926 — *Imprensa Periódica Portuguesa na Metrópole e no Império (Séculos XVII/XIX)* (1941).

CAMILO VALENTE

» 1938 — *Linda Lisboa (À mulher — Obra de Deus — Ao dinheiro — Obra dos Homens)*, pelo oferente (1941).

AMORIM DE CARVALHO

» 1940/41 — *Tratado de Versificação Portuguesa*, pelo oferente (1941).

ORDEM DOS ADVOGADOS

» 1946 — *Revista da Ordem dos Advogados*, n.º 3 (1941).

PADRE RUELA POMBO

» 1953 — *Revista «1640»* (1942).

» 2665 — *Os Pretos no Brasil (Normas económicas e humanitárias da Colónização Portuguesa no Ultramar)*, pelo oferente (1939).

MÁRIO MOTA

» 1954 — *Caminhos de Lirismo*, pelo oferente (1942).

MÁRIO CARDIA

» 1955 — *Jornal do Médico*, n.º 49 (1942).

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

N.º 1956 — *Elogio Histórico de El-Rei Dom João o Quarto*, pelo oferente (1942).

SINDICATO NACIONAL DOS VENDEDORES DE JORNAIS
DO DISTRITO DE LISBOA

» 1971 — 9 postais editados para comemoração do Tricentenário da Gazeta (1941).

TEODORO LOPES RAMOS

- » 1978 — *Os Vínculos Eternos*, por Manuel Ribeiro (1929).
- » 1979 — *A Batalha nas sombras*, por Manuel Ribeiro (1928).
- » 1980 — *Esplendor mais alto*, por Manuel Ribeiro (1930).
- » 1981 — *A Revoadá dos Anjos*, por Manuel Ribeiro (1926).
- » 1982 — *A Colina Sagrada*, por Manuel Ribeiro (1925).
- » 2047 a 2078-D — *História da Literatura Portuguesa*, fasc. 1 a 36.
- » 2383 — *Obras poéticas de Eugénio de Castro*, vol. I — *Oaristas — Horas — Silva*, por Eugénio de Castro (1927).
- » 2384 — *Obras poéticas de Eugénio de Castro*, vol. II — *Interlunio — Belkiss — Tiresias*, por Eugénio de Castro (1927).
- » 2385 — *Obras poéticas de Eugénio de Castro*, vol. III — *Sagramor*, por Eugénio de Castro (1928).
- » 2386 — *Obras poéticas de Eugénio de Castro*, vol. IV — *Salomé — A Nereide de Harlem — O Rei Galá — Saúdades do Céu*, por Eugénio de Castro (1929).
- » 2387 — *Obras Poéticas de Eugénio de Castro*, vol. V — *Constança — Depois da Ceifa — A Sombra do Quadrante*, por Eugénio de Castro (1929).
- » 2388 — *Obras Poéticas de Eugénio de Castro*, vol. VI — *O Anel de Policrates — A Fonte do Sátiro*, por Eugénio de Castro (1930).
- » 2389 — *Obras Poéticas de Eugénio de Castro*, vol. VII — *Poesias de Goethe — O Filho Pródigo — O Cavaleiro das mãos irresistíveis*, por Eugénio de Castro (1931).
- » 2390 — *Portugal — In New York World's Fair* (1939).
- » 2391 — *Le Portugal et son activité Économique* (1932).
- » 2392 — *Quelques — Images de L'art Populaire Portugais* (1937).

ASSEMBLEIA NACIONAL

» 1988 — *Folheto distribuído aos sócios que visitaram o Palácio da Assembléa Nacional em 11 de Janeiro de 1942.*

ARQ. ANTÓNIO COUTO

- N.º 1989 — *Folheto distribuído aos sócios que visitaram a Basílica da Estréla em 8 de Fevereiro de 1942.*

JÚLIO PIRES

- » 2003 — «*Amigos de Lisboa*» e a *Imprensa (Recortes de Jornais)*.

LUÍS MARQUES

- » 2004 — «*The Anglo-Portuguese News*», n.º 114 (1941).

MÁRIO DE MORAIS AFONSO

- » 2083 — *Circulares da Organização Turística Moderna.*

FRANCISCO VALENÇA

- » 2092 — *Diversos autógrafos.*

DR. DURVAL RUI PIRES DE LIMA

- » 2103/104 — *António da Silva de Sousa e a Residência de Suécia*, pelo oferente (1930).
» 2105/106 — *Azamor (Os precedentes da Conquista e a Expedição do Duque Dom Jaime)*, pelo oferente (1930).
» 2107/108 — *História da Dominação Portuguesa em Cafim, 1506/1542*, pelo oferente (1930).
» 2109/110 — *Capetos e Habsburgos*, pelo oferente (1930).
» 2113/114 — *Terra de Dor e de Glória*, pelo oferente (1923).

DR. LUÍS XAVIER DA COSTA

- » 2111/112 — *Uma água-fortista do século XVII (Josefa d'Ayala)*, pelo oferente (1931).

NORBERTO DE ARAÚJO

- » 2115/116 — *Fado da Mouraria*, pelo oferente (1931).
» 2117/119 — *Portugueses em Roma*, pelo oferente (1925).
» 2120 — *Novela do Amor Humilde*, pelo oferente (1927).
» 2121/122 — *Passa longe o amor*, pelo oferente (1929).
» 2127 — *Planta do Castelo de S. Jorge.*
» 2128/129 — *Plantas do Pavilhão Lisboa na Exposição do Mundo Português.*

EDUARDO FERNANDES (ESCULAPIO)

- N.º 2123/124 — *José João* (Peça de costumes populares, em 4 actos, ornada de córos), pelo oferente (1924).

HUGO SARMENTO

- » 2125/126 — *Bonecos*, pelo oferente (1925).

VISCONDE DE PORTO DA CRUZ

- » 2133/562 — *Revista Portuguesa*, n.ºs 21/27 (1942).

LEGATION DE FRANCE

- » 2136 — *Bulletim de la Presse Française*.

LUIS PASTOR DE MACEDO

- » 2137 — *Notícias e Registos curiosos dos livros paroquiais da Freguesia da Sé*, pelo oferente (1940).
» 2138 — *A Rua das Canastras*, pelo oferente (1939).
» 2139 — *A Baixa Pombalina*, pelo oferente (1938).
» 2140 — *Tempos que passaram*, pelo oferente (1940).

DR. H. AMORIM FERREIRA

- » 2141 — *Escola Politécnica de Lisboa — O observatório Infante D. Luiz*, pelo oferente (1937).
» 2142 — *O Regime de chuvas em Lisboa*, pelo Eng. Eduardo de Arantes e Oliveira (1942).
» 2143 — *Elementos para conhecimento do clima do Estoril*, pelo oferente (1940).

JOSE FRANCISCO DE OLIVEIRA

- » 2162 — *Gravura antiga do Mosteiro dos Jerónimos*, por R. Christino.

EDUARDO DA CUNHA E COSTA (PICOAS)

- » 2209 — *Catálogo da XXXVI Exposição de Pintura, Escultura, Architectura, Desenho e Gravura* (1939).
» 2279 — *Catálogo da Exposição de Colchas de Noivado — Bordados de Castelo Branco* (1942).
» 2280 — *Homenagem Póstuma a Carlos Augusto Pereira* (Discursos proferidos na Assembléa Geral de 8 de Novembro de 1941, enaltecendo a me-

mória do homenageado que, durante longo tempo e até ao seu recente falecimento, foi ilustre Director-Delegado da Companhia das Águas de Lisboa (1942).

A. TOVAR DE LEMOS

- N.º 2210/2216 — *O Dispensário de Higiene Social de Lisboa — Relatórios de 1933/1935/1940*, pelo oferente (1934/41).
 » 2217/2219 — *O Serviço de Inspeção de Toleradas em 1935/1936/1938*, pelo oferente (1935/38).

EDIÇÕES GAMA

- » 2222 / 274 / 2348 / 49 / 50 / 51 / 396 / 97 / 98 / 628 / 672 — *Aleo (Boletim de Edições Gama)*, n.ºs 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 (1942), n.ºs 1, 2 (1943).

COMPANHIAS REÜNIDAS GAS E ELECTRICIDADE

- » 2226 — *Obras Sociais das Companhias Reünidas de Gaz e Electricidade* (1942).

SINDICATO NACIONAL DOS CAPITÃES, OFICIAIS NAUTICOS
E COMISSÁRIOS DA MARINHA MERCANTE

- » 2227 — *Neptuno — Revista da Marinha Mercante*, n.º 181 (1942).

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

- » 2238 — *Catálogo da XXXIX Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura* (1942).

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES DE ABREU

- » 2239 — *Emília Neves — Documentos para a sua Bibliographia*, por um dos seus admiradores (1873).
 » 2240 — *A Torre de S. Vicente a par de Belém*, pelo Eng. J. de Sousa Nunes (1932).
 » 2241 — *O Monumento a Eça de Queiroz*, por Manuel de Sousa Pinto (1904).
 » 2242 — *Monografias e outras obras referentes a várias localidades e monumentos do continente de Portugal*, por Eduardo da Rocha Dias.
 » 2243 — *Roberto* (Poema cómico), por Manollo Roussado (1867).
 » 2244 — *Santo António de Lisboa* (Estudo de História e Crítica), por José de Sousa Monteiro (1895).

- N.ºs 2245/246 — *Ilha da Madeira*, 1.º e 2.º vols., por *Acúrcio Garcia Ramos* (1879/1880).
- » 2247 — *Camilo — A sua vida — O seu génio A sua obra*, por *Paulo Osório* (1908).
- » 2248 — *Impressões várias — Subsídios para a História do 19 de Outubro*, por *Manuel de Jesus Campos* (1923).
- » 2249 — *As Polémicas de Camilo* (Conferência proferida na Liga Naval, em 12 de Março de 1925), por *António Cabral* (1925).
- » 2250 — *Saúdades do Céu*, por *Eugénio de Castro* (1899).
- » 2251 — *O que morreu de amor* (Peça em 4 actos), por *Júlio Dantas* (1918).
- » 2252 — *Rapsódia Camiliana* (com um prefácio de José Pereira de Sampaio (Bruno), por *António Joaquim* (1905).
- » 2253 — *Catálogo da 10.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes* (1913).
- » 2254 — *Catálogo da 11.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes* (1914).
- » 2281 — *Os últimos 60 annos da monarchia*, por *José d'Arriaga* (1911).

MARIA MADALENA DE MARTEL PATRÍCIO

- » 2271 — *Rosário da Vida (Quando eu era pequenina)*, pela oferente (1935).
- » 2272 — *Os Sete Demónios*, pela oferente (1926).

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

- » 2278 — *Catálogo das Obras da Colecção Portuguesa anteriores à Fundação das Régias Escolas de Cirurgia (1825)* (1942).

EDIÇÕES «RECORTE»

- » 2284 — *Recortes de Jornais* (1941).
- » 2333 — *Revista da Imprensa Portuguesa (Anuário Geral da Nação)*.

SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LDA.

- » 2287 — *Album Portugal, 1140/1940* (1940).

EDUARDO PORTUGAL

- » 2295/96 — *Postais da Estufa Fria do Parque Eduardo VII*, pelo oferente.

DR. ALFREDO DA CUNHA

- » 2309 — *Periódicos e Relações, Periodistas e Noticiaristas*, pelo oferente (1942).

- N.º 2310 — *Relances sobre os três Séculos do Jornalismo Português*, pelo oferente (1941).
- » 2311 — *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)*, pelo oferente (1941).
 - » 2312 — *O Diário de Notícias — A sua fundação e os seus fundadores — Alguns factos para a história do Jornalismo Português (1864-1914)*, pelo oferente.

DR. A. FERREIRA DE ALMEIDA

- » 2313 — *Campoamoriana — Pensamentos Poéticos de Campoamor (1817-1917)*, pelo oferente (1917).
- » 2314 — *Milagres de Santo António de Lisboa, (1213-1931)*, pelo Dr. Agostinho de Campos (1932).
- » 2315 — *Poetisas de Portugal*, por Arthur Vieira (1931).
- » 2316 — *El Caudillo* (novela), por Claude Ferrere (1933).
- » 2317 — *Don Juan Lusitano*, por Joaquim Edwards Bello (1934).
- » 2318 — *Vieir Portugal Ode*, por Le Vicente de Hamilton Pires (1924).
- » 2319 — *El Portugal Heróico*, por Habib Estéfano (1928).
- » 2320 — *Milagres de San-Antonio (123/1931)*, pelo Dr. Agostinho de Campos (1931).
- » 2321 — *Poetas de Portugal*, por Arthur Vieira (1932).
- » 2322 — *El Alma Portuguesa*, por Tomás Gatica Martinez (1933).

CORONEL FERNANDO DE CASTRO DA SILVA CANEDO

- » 2323 — *Programma do Torneio no Hippodromo de Lisboa dado no anno de 1892.*

JARDINS-ESCOLAS JOÃO DE DEUS

- » 2326/27/393 — *Jardins Escolas João de Deus* (Documentos da sua actividade) (1942).

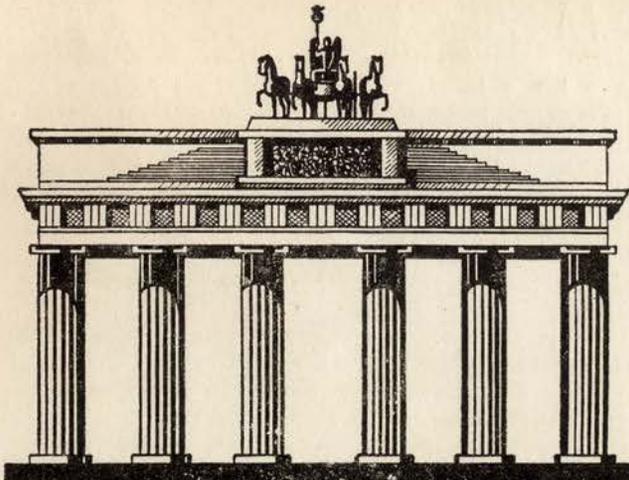
DR. VIRIATO DE GOUVEIA

- » 2329 — *Missão Médica ou Profissão Médica*, pelo oferente (1942).

ENG. ANTONIO EMIDIO ABRANTES

- » 2347 — *Planta mostrando o traçado completo da Avenida dos Anjos e ruas adjacentes* (1900).

(Continua)



BERLIM

A

ALEMANHA

FALA!

ACTUALIDADES EM LINGUA PORTUGUESA

Horas

12,30 às 14	«Hora portuguesa»	DZE	24,73 m.	12.130 Kc/s
14	Noticiário	DZE	24,73 m.	12.130 Kc/s
19,45	Noticiário	DJC	49,83 m.	6.020 Kc/s
		DXR	25,51 m.	11.760 Kc/s
21,30	Noticiário	DXU9	31,28 m.	9.590 Kc/s
		DJI	41,15 m.	7.290 Kc/s
21,45	Noticiário	DJC	49,83 m.	6.020 Kc/s
		DXR	25,51 m.	11.760 Kc/s
22,15	Noticiário e tema do dia	DZC	29,16 m.	10.290 Kc/s
		DXU9	31,28 m.	9.590 Kc/s
		DJI	41,15 m.	7.290 Kc/s
23,30	Noticiário e nota do dia	DXU9	31,28 m.	9.590 Kc/s
		0,45	Noticiário	DXX

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

S. A. R. L.

Capital
22.000.000\$00

Fundos de Reserva
99.500.000\$00

SEDE

95, Rua do Comércio, 119 — LISBOA

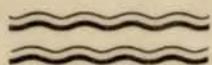
Filiais — Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, S. João da Madeira, Santarém, Tôres Novas, Mangualde, Tôres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Dependências urbanas (LISBOA) — Alcântara, Almirante Reis, Conde Barão, e Poço do Bispo
————— (PÔRTO) — Matozinhos —————

Efectua todas as operações bancárias

C O S T A
D O S O L



ESTORIL



A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS

A 23 quilómetros de Lisboa. Excelente estrada marginal. Rápido serviço de comboios eléctricos

Todos os desportos | Golf (18 buracos), Ténis, Natação, Hipismo, Esgrima, Tiro, etc.

Estoril Palácio Hotel | Moderno, elegante — magnífica situação

Hotel Parque | Todo o conforto — Anexos às Termas

Hotel Itália (Monte Estoril) | Excelente cozinha — preços moderados

Estoril-Termas | Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico — Aberto todo o ano
Tratamento do reumatismo, gôta, doenças das senhoras e da circulação. Linfatismo e escrofulose. Obesidade

TAMARIZ — Magníficas esplanadas sôbre o mar — Serviço de Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas — Escola de equitação — Sala de tiro — Parque infantil

Casino | Aberto todo o ano — Cinema — Concertos — «Dancing»
Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Governo

Informações: Sociedade de Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL